



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS- *CAMPUS* PALMAS
CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS**

VINICIUS RIBEIRO BONILHA

A UTOPIA DO AMOR EM *ME CHAME PELO SEU NOME*

PALMAS – TO
2021

VINICIUS RIBEIRO BONILHA

A Utopia do Amor em Me Chame Pelo Seu Nome

Pesquisa apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, como requisito para aprovação na disciplina de TCC do Curso de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. André Lira

Palmas – TO
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins**

B715u Bonilha, Vinicius Ribeiro

A utopia do amor em Me chame pelo seu nome / Vinicius Ribeiro Bonilha. –
Palmas, TO, 2021.
60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação em
Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2021.

Orientador: Dr. André Lira

1. Amor. 2. Sexualidade. 3. Sociedade. I. Lira, André. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada
para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.
**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do com os dados fornecidos
pelo(a) autor (a).**

VINICIUS RIBEIRO BONILHA

A Utopia do Amor em *Me Chame Pelo Seu Nome*

Pesquisa apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, como requisito para aprovação na disciplina de TCC do Curso de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. André Lira

Data de aprovação: _____ de _____ de _____

Banca examinadora

Prof. Dr. André Lira
Orientador
IFTO – *Campus Palmas*

Prof.^a Dr.^a. Fernanda da Silva Neves
IFTO – *Campus Palmas*

Prof. Me. Luciano de Jesus Gonçalves
IFTO – *Campus Colinas*

PALMAS – TO
2021

Ao Amor, guia da minha vida e morte.
E àquele que fez florescer em minha
alma a rara magia do amor.

Agradecimentos

Ao meu orientador, André, que me ajudou a trilhar esse caminho na pesquisa literária e nunca desistiu de mim.

Aos meus amigos, essa nova família que escolhi para minha vida: Thalia e Amanda, que me acompanham desde o começo e me suportam; ao hepteto e agregados: Paty, Duda, Liss, Rodrigo, Elvis, Eme, Paulo, Ana; aos que chegaram depois: Lucas, Mi. Acho que sem todos vocês eu já teria desistido

À minha mãe, meu pai, minha madrinha, Kelen... que acreditam em mim mais do que eu mesmo.

Estou apaixonado por você e não quero me negar o simples prazer de compartilhar algo verdadeiro. Estou apaixonado por você, e sei que o amor é apenas um grito no vácuo, e que o esquecimento é inevitável, e que estamos todos condenados ao fim, e que haverá um dia em que tudo o que fizemos voltará ao pó, e sei que o sol vai engolir a única Terra que podemos chamar de nossa, e eu estou apaixonado por você.

(GREEN, 2013, p. 109)

RESUMO

Lançar luz sobre o amor, olhar para esse sentimento humano, é, ao mesmo tempo, nos entender e refletir sobre qual seu lugar em nossas vidas e como agimos sobre ele. Assim, o presente trabalho apresentará uma análise literária pautada no livro *Me Chame Pelo Seu Nome* em relação ao amor romântico que evidenciaremos como um elemento utópico dentro da obra, além de levantar questões ligadas à homoafetividade. De cunho qualitativo e bibliográfico, esta pesquisa articulará postulados teóricos como os de Freud (2011), Paz (1994), Marcuse (1981), dentre outros, para entendermos as características desse sentimento em nossas vidas e sua análise através dos elementos do livro. Ao final do trabalho, constamos como o amor utópico se faz presente na obra por meio da sua liberdade e pelo modo que foi vivido pelos personagens, ademais, através dessa análise propomos uma reflexão acerca da nossa sociedade atual e como o amor nela é entendido e seus desdobramentos.

Palavras-chave: Amor; Sexualidade; Sociedade.

ABSTRACT

Shedding light on love, looking at this human feeling is at the same time understanding ourselves and reflecting on its place in our lives and how we act on it. Thus, this work will present a literary analysis based on the book *Call Me by Your Name* in relation to romantic love, which we will show as a utopian element within the work, in addition to raising questions related to homo-affectiveness. Qualitative and bibliographical, this research will articulate theoretical postulates such as Freud (2011), Paz (1994), Marcuse (1981) among others, in order to understand the characteristics of this feeling in our lives and its analysis through the elements of the book. At the end of the work, we see how utopian love is present in the work through its freedom and the way it was experienced by the characters. Furthermore, through this analysis we propose a reflection on our current society and how love is understood in it and its unfoldings.

Keywords: Love; Sexuality; Society.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. MÃOS À OBRA	11
3. O AMOR.....	13
3.1 SEXUALIDADE E EROTISMO: PILARES DO AMOR	15
3.2 CONCEBENDO O AMOR.....	18
3.2.1 A DUALIDADE HUMANA: VIDA E MORTE	18
3.2.2 ESCOLHA E DESTINO: ENLACES DO AMOR.....	21
3.2.3 TRANSFORMAÇÕES DO AMOR: A FORMA DA ÁGUA	24
3.3 ANÁLISE: O AUGUE DA FLOR DO AMOR	27
4. SOCIEDADE E SEXUALIDADE	37
4.1 ANÁLISE: A DUPLA FACE DO <i>HOMO</i>	45
5. A UTOPIA DO AMOR EM ME CHAME PELO SEU NOME.....	50
6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	55
REFERÊNCIAS	58

1. INTRODUÇÃO

Se em algumas histórias o amor se faz presente no “felizes para sempre”, em nosso livro, o para sempre é eterno enquanto dure, o “até depois” saudação de chegada e despedida; um encontro de amantes separados pelo destino, escolhidos a se unirem. Assim como tantos outros, um casal marcado pela imponência do amor e do tempo.

O presente trabalho, intitulado “A utopia do amor em *Me Chame Pelo Seu Nome*”, tem como objetivo investigar o amor romântico que aparece no livro, entender quais são as características que dão forma para esse sentimento e (re)afirmar o amor existente entre os personagens; compreender pontos ligados à homoafetividade masculina e a homofobia, questões levantadas através da obra literária e como tais aspectos interferem na vida das pessoas; além disso, à vista dessa temática social, refletir qual o espaço que o ser humano e o amor ocupam e podem ocupar em sociedade.

Para tanto, nossa pesquisa será dividida em três capítulos: O Amor, em que apresentaremos e analisaremos os conceitos de amor romântico e como está presente por meio do livro; Sociedade e Sexualidade, do amor em sociedade e seus desdobramentos; e A Utopia do Amor em *Me Chame Pelo Seu Nome*, nossa perspectiva sobre a utopia que evidenciaremos na obra e para o amor contemporâneo. As discussões serão pautadas por meio de postulados teóricos que embasarão as nossas análises, a saber Candido (2006), Freud (2011), Foucault (2019), Marcuse (1981), Paz (1994) e outros nos ajudarão a estruturar e materializar nossas discussões.

Vale ressaltar que tal tema – o amor – é de extrema importância para a vida em sociedade, levantar tal discussão é lançar luz sobre um assunto sob uma nova ótica ou não tão discutida perspectiva. Assim, como afirma Freud (2011), o amor romântico é um elemento humano que nos ajuda a viver de uma maneira mais intensa, procuramos, através dele, uma vida mais feliz.

Antes de darmos início a toda essa discussão entre o amor e o nosso objeto de estudo, apresentaremos a seguir um tópico para adentrarmos nos aspectos literários.

2. MÃOS À OBRA

Uma vez que a presente pesquisa é pautada em uma análise literária, faz-se necessária uma explicação do nosso entendimento de literatura. A literatura escrita data de mais de vinte e cinco séculos atrás, período da Antiguidade, a partir de então, veio ganhando força com a distribuição de obras em massa à sociedade, fazendo-se presente no cotidiano da população: a literatura ganha espaço por ser inerente da humanidade. Notamos então que a literatura tem espaço cativo na nossa sociedade. Analisaremos a literatura como uma manifestação humana, em forma de língua(gem), uma maneira concreta com que o ser humano pensa, sente; o literário, forma de expressar-se.

Antônio Candido (2006), em que ele propõe uma leitura da obra literária levando em consideração as suas singularidades e sua autonomia estética, para que não haja uma anulação do seu caráter literário frente a outros critérios de análise (ou sua subordinação a outras disciplinas). A análise deverá ser feita a partir de sua estética, como algo central, e seus demais elementos. Dessa maneira, Candido aponta (2006, p. 24):

Hoje sentimos que, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, é justamente esta concepção da obra como organismo que permite, no seu estudo, levar em conta e variar o jogo dos fatores que a condicionam e motivam; pois quando é interpretado como elemento de estrutura, cada fator se torna componente essencial do caso em foco, não podendo a sua legitimidade ser contestada nem glorificada a priori.

Assim, a análise da obra será ser feita a partir dos elementos estéticos do romance em questão, e elementos extrínsecos à obra (contextuais, históricos, sociológicos) serão subordinados a eles.

Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade. (Candido, 2006, p. 21)

O que segundo ele, as obras são feitas do momento que vivem, do contexto em que se inserem, mas isso não é o que dita seus significados.

Em suma, importa no estudo da literatura o que o texto exprime. A pesquisa da vida e do momento vale menos para estabelecer uma verdade documentária, frequentemente inútil, do que para ver se nas condições do meio e na biografia há elementos que esclareçam

a realidade superior do texto, por vezes uma gloriosa mentira, segundo os padrões usuais. (Candido, 2000, p. 34)

Explicado esses pontos sobre os aspectos literários, agora passaremos para a obra. Escrito pelo egípcio André Aciman, professor universitário estadunidense, o livro é um romance publicado inicialmente no ano de 2007, em 2017, ganhou uma adaptação para as telas de cinema, o que, mais uma vez, trouxe popularidade à obra.

O livro narrado em primeira pessoa conta os acontecimentos já vivenciados a partir do ponto de vista do personagem principal. *Me Chame Pelo Seu Nome* traz a história de Elio, um jovem que está aproveitando mais um verão italiano com a família, como de costume anualmente seu pai convida para a casa deles um jovem acadêmico para auxiliar em suas pesquisas universitárias durante um período do verão. O pesquisador escolhido desse ano é Oliver, um rapaz norte-americano, atraente e de temperamento um tanto quanto evasivo, que aproveita o tempo ali para trabalhar e apreciar, nas horas vagas, um pouco do clima do Mediterrâneo. Entre muitas folhas de trabalho, de horas de estudo, alguns banhos de piscina, de passeios pelo vilarejo, algumas idas e vindas de bicicleta, discussões sobre literatura e música, ausências e presenças, às vezes calculadas, florescerá entre Elio e o novo convidado da família um intenso romance.

Com base nessas histórias e seus elementos é que desenvolveremos nossa pesquisa, nos debruçaremos sobre o sentimento de amor que há entre os dois personagens, analisando como o amor é constituído, suas características, a importância dessa emoção para ambos os personagens, também lançaremos luz sobre a temática da homoafetividade masculina que caracteriza o romance de Elio e Oliver. Ademais, nos propomos a falar sobre aspectos que dizem respeito à sociedade e sua relação com a sexualidade, que aborda questão sobre repressão sexual, de homofobia e outros temas que, mais adiante, serão discutidos. E uma vez explicado o que entendemos por amor e sociedade é que conseguiremos discorrer sobre a utopia do amor na obra.

Para tanto, no tópico seguinte, adentraremos no tema do Amor, em que analisaremos as características que constituem esse sentimento, sua importância para a obra, lançando luz sobre como essas características aparecem durante a obra, validando esse amor dos personagens juntamente

com as discussões, postulados teóricos que serão a base para que consigamos desenvolver nossa pesquisa.

3. O AMOR

Quando nos propomos a discorrer sobre o que é amor, nos deparamos com uma tarefa nada fácil, essa palavra, há tempos, é usada para falar sobre momentos incríveis ou trágicos nas relações humanas, entre pais e filhos, irmãos, amantes. Todos esses relacionamentos têm esse sentimento como base, contudo, nos delimitaremos a discorrer sobre o amor romântico, uma vez que no livro esse amor será o que prevalece.

Ao falar que traremos à perspectiva do amor romântico nossas análises precisamos explicitar um pouco sobre sua escolha e sua relevância, primeiramente, ao utilizarmos esse termo estaremos nos referindo ao sentimento que une pessoas, e não ao período do Romantismo. Como dito, existem variadas relações que podemos chamar de amor paternal, amor maternal, amor fraternal, contudo, para nossa pesquisa esses termos não se encaixarão, pois em nossa perspectiva “[...] o amor filial, fraternal, paternal e maternal não são amor: são *piiedade*, no sentido mais antigo e religioso dessa palavra” (Paz, 1994, p. 99, grifo no original), como em um gesto de servir, acatar as ordens com respeito, o autor ainda reitera: “Posso fazer, garanto-lhe, uma infinidade de coisas por caridade, tudo, exceto o amor” (Paz, 1994, p.100), amar não deve ser tido como uma ajuda aos outros. Só podemos imaginar que o amor romântico se difere dos demais, assim como aponta Paz, pelo seu objeto: “[...] o amor é atração por uma única pessoa: por um corpo e uma alma” (Paz, 1994, p. 34), os amantes desejam o corpo do parceiro assim como desejam a identidade também, é nisso que se difere. Logo, falar sobre amor romântico é lembrar que se refere a um sentimento que coloca, também, o corpo como objeto nessa relação entre os amantes.

Segundo Octavio Paz, “[...] se fizermos uma retrospectiva da literatura ocidental durante os oito séculos que nos separam do 'amor cortês', logo comprovaremos que a imensa maioria desses poemas, peças de teatro e romances têm o amor como tema” (1994 p. 95), notamos como a humanidade vem se debruçando sobre esse tema, tentando expor suas opiniões, procurando uma maneira de explicar o que é. Platão, em *O Banquete*, por exemplo, nos apresenta a história de uma confraternização entre amigos que em dado

momento decidem, revezando a fala, fazer suas explicações sobre o que entendem por amor e exaltá-lo, por fim, após cada um ter falado, o que temos são algumas respostas variadas sobre o mesmo tema. Mesmo dentro de uma roda de conversa entre grandes pensadores a explicação do amor é de difícil execução.

Se definir amor é um trabalho árduo, precisamos partir de um ponto para assim fazer. Para começar, entendemos o amor como um fenômeno humano, um sentimento, logo, define-se “sentimento” como “ação de sentir, de perceber através dos sentidos, de ser sensível” (SENTIMENTO, 2021), entendemos, portanto, como uma condição pessoal sobre outro ser humano, uma percepção íntima, uma condição psicológica de afeto ou aversão. Sendo assim, uma vez que estamos trabalhando com o amor romântico, entendemos que se refere a um sentimento de afeto. O afeto, por sua vez, compreendido como um comportamento de carinho por alguém ou um animal, assim como a amizade, um beijo.

Delimitar o amor romântico na esfera de sentimento de afeto não necessariamente explica do que se trata, apenas nos ajuda compreender em que rumo ele caminha, assim podemos definir como um fenômeno humano de cuidado, zelo, ternura; logo, esse amor está na esfera do cuidado com o outro.

Outro ponto que com recorrência aparecerá em nossas análises e na própria obra será o conceito de alma, assim, faz-se necessário sua explicação. Longe de tentarmos provar sua existência, em nosso estudo queremos entender a simbologia que ela evoca. Para a ciência, a alma não existe, já em determinadas religiões e crenças esse aspecto é retratado de diversas maneiras, como um sopro de vida, uma força que anima o corpo físico, mas uma coisa que podemos citar em comum sob essa perspectiva é de que se trata de um elemento humano invisível, ligado ao plano material e supra material, uma relação ambígua e complementar. “As concepções etnológicas e históricas da alma mostram claramente que ela é, antes de mais nada, um conteúdo relativo ao sujeito, mas também, ao mundo dos espíritos, o inconsciente. E é por isso que a alma sempre tem em si algo de terreno e de sobrenatural.” (Chevalier e Gheerbrant, 2001, p. 35), podemos notar então como alma está ligada ao inconsciente humano e ao mesmo tempo a um tipo de identidade. Alma que habita o corpo e está para além dele.

Partindo desses pontos, conceituaremos alma como um elemento humano que nos caracteriza enquanto nossas identidades, estando para além dos princípios da bioquímica cerebral; um elemento que anima o corpo físico.

Assim, partindo dessas explicações prévias, no próximo tópico deste trabalho adentraremos em uma das características que constituem o amor: Sexualidade e Erotismo: pilares do amor; faremos uma discussão sobre a importância desses dois aspectos para o amor romântico, delimitando suas particularidades e porque são partes dele.

3.1 SEXUALIDADE E EROTISMO: PILARES DO AMOR

Neste tópico, discorreremos sobre dois pontos que são as bases do Amor: a sexualidade e o erotismo, é por meio deles que esse sentimento consegue ganhar uma estrutura estável para agregar outras características que tornam o que ele é - que mais adiante serão discutidos -, por hora daremos atenção a esses dois elementos.

Primeiramente, para definirmos sexualidade e erotismo precisamos entender suas histórias e suas ligações com o ser humano. O que nos faz tentar entender o que é o ser humano, já que é ele o fio condutor sobre qual age o amor, é por meio dele que esse sentimento se materializa. Logo, nos perguntaremos: o que é o ser humano? Ora, sabemos que pertencemos a espécie animal, somos mamíferos, bípedes assim como tantos outros animais, contudo, diferimos muito dos demais, seja pela nossa religião, nossa sociedade; mas concordamos quando postulamos Engels e Marx (2019, p.14) que o homem realmente se diferencia dos animais assim que começam a produzir seu próprio meio de subsistência, por consequência criam seu meio de viver. O ser humano possui uma forma única de trabalho e de se relacionar com o meio físico. Essa característica nos ajuda a compreender a afirmação de Bataille (2014), ao dizer que a partir do momento que nossa espécie se difere pelo trabalho, paralelamente surgem imposições ou interditos sobre os comportamentos relacionados a morte e com a atividade sexual. O autor francês entende também que:

Em verdade, trata-se de tempos que duraram, segundo os cálculos atuais, centenas de milhares de anos: esses intermináveis milênios correspondem à mudança em que o homem se desprende da

animalidade primeira. Ele saiu dela trabalhando, compreendendo que morria e deslizando da sexualidade sem vergonha à sexualidade envergonhada, de que o erotismo decorreu. (Bataille, 2014, p. 55)

Esse processo levou muitos anos, o ser humano como conhecemos hoje lida de uma forma diferente com essas questões. É a partir desse vínculo com o trabalho, que em nós é engendrado uma atitude diferente para com o sexo do que a maneira que nossos ancestrais mais distantes tinham de entendê-lo e, portanto, uma forma muito distinta dos animais.

É ao longo desse processo de ruptura entre o ser humano instintivo para o ser humano moderno, que nascem os elementos de constituição para o amor. Para explicar o erotismo, o autor entende que:

Se se tratasse de uma definição precisa, seria necessário certamente partir da atividade sexual de reprodução de que o erotismo é uma forma particular. A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuais e aos homens, mas, aparentemente, apenas os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, ou seja, uma busca psicológica independente do fim natural dado na reprodução e no cuidado dos filhos. (Bataille, 2014, p.35)

Esse erotismo foi surgindo junto com a consciência humana, em paralelo com o entendimento da sociedade sobre suas relações. O desejo sexual deixou de ter status somente reprodutivo e começou a ser entendido como parte da humanidade que lida com os gostos, com o prazer de fazer. *O erotismo é essa capacidade de fantasiar.*

Como diz Paz (1994, p.12), “[...] na sexualidade o prazer serve para a procriação; nos rituais eróticos o prazer é um fim em si mesmo ou tem finalidades diferentes da reprodução.” O erotismo é a transformação da sexualidade em um ato para além do instinto. A sexualidade é caracterizada por essa força, essa “pulsão” que nos atrai aos outros seres, em outras palavras, é o desejo, aquilo que nos faz sentir atraídos, um desejo carnal, o desejo carnal por sua vez relacionado a carne, o que é exclusivo do corpo, assim como a aparência, a pele; já o erotismo é a tomada de consciência sobre a sexualidade e seu controle, deixando de ser um instinto, entendido como a consciência do desejo, dele nasce a busca de saciar os prazeres humanos, mesmo que não tenha um objetivo de reprodução. O erotismo é uma atividade

organizada pelos seres humanos, é cultural, portanto, e por ter esse caráter organizado sofre influência através do tempo (BATAILLE, 2014, p. 132).

Nesse contexto que entendemos como o erotismo é uma característica exclusiva humana: é a transfiguração da sexualidade pelos desejos, vontades e a imaginação do homem, “[...] o erotismo é invenção, variação incessante; o sexo é sempre o mesmo.” (Paz, 1994, p. 16). O erotismo tem uma infinidade de formas que se manifesta durante os anos, a sexualidade sempre se apresenta na mesma monotonia.

Temos então o ser humano, uma espécie animal que se diferencia dos outros pelo jeito que lida com o mundo material, criando seu próprio meio de subsistência, conseqüentemente seu jeito de viver vai se modificando pela forma que ele interage, imagina e modifica o meio em que está inserido. O homem sai da animalidade e as relações com os instintos primários agora são distintas, as atividades sexuais, por exemplo, ganham um novo status para a espécie, a sexualidade, esse instinto de desejo que atraía os seres uns aos outros associados ao ato da procriação é controlado e transformado pela imaginação e ação humana em erotismo. O erotismo impõe uma consciência nos atos de desejo e paralelamente uma consciência nos desejos do homem. Agora o foco são nossos desejos pessoais. A procura por outra pessoa deixa de ser somente um impulso, passamos a ver no outro uma fonte de realização dos nossos anseios para além da perpetuação da espécie. Uma entrega total ao outro.

A sexualidade gera os homens, os homens por sua vez transformam a sexualidade em erotismo, o erotismo então une os homens para além do sexo. Nessa perspectiva, Paz (1994, p. 15) argumenta:

Não é estranha a confusão: sexo, erotismo e amor são aspectos do mesmo fenômeno, manifestações do que chamamos vida. O mais antigo dos três, o mais amplo e básico, é o sexo. É a fonte primordial. O erotismo e o amor são formas derivadas do instinto sexual: cristalizações, sublimações, perversões e condensações que transformam a sexualidade e a tornam, muitas vezes, incognoscível. Como no caso dos círculos concêntricos, o sexo é o centro e o pivô dessa geometria passional.

São elementos intrínsecos da vida dos seres sexuados, o amor nasce então da estruturação da sexualidade e da materialização do erotismo, são os pilares para que floresça o amor. O sexo atrai e o erótico nos une; sexualidade

e erotismo formam a base para o sentimento do amor romântico. Um afeto recíproco que deve partir de ambas as partes.

3.2 CONCEBENDO O AMOR

Como dito anteriormente, o amor romântico tem como base os elementos: sexualidade e erotismo, aquele representando a conduta primitiva que atrai as pessoas umas às outras, e este entendido como a transformação da sexualidade para além do sexo, para além da animalidade. Contudo, não significa que são as únicas características que constituem esse sentimento. É como pensar em uma casa em que suas paredes estejam levantadas, porém não há nenhum móvel dentro, nenhum sistema de encanamento ou sistema elétrico, é uma casa por fora, mas não por dentro. Eles dão o suporte para que outros aspectos possam fazer parte dessa relação. A raiz é o sexo, o erotismo o talo e o amor a flor, logo precisaremos entender qual é a forma, o aroma, a cor dessa flor que brotou desses dois.

É sob essa perspectiva que o tópico seguinte se tratará, buscando discorrer acerca das outras partes que constituem o amor e que o tornam único na vivência humana. Sendo assim, nosso primeiro tema de discussão sobre os itens integrantes do amor são duas faces da mesma moeda, ambíguos na existência dos seres vivos: vida e morte.

3.2.1 A DUALIDADE HUMANA: VIDA E MORTE

Como viver e morrer podem ocupar o mesmo espaço dentro desse sentimento que evoca em nós tanta felicidade? De que maneira a morte é um elemento tão importante? Morte, palavra que remete a nós, seres humanos, mais dúvidas do que respostas. A ciência a define como a parada de todas as funções biológicas dos seres, algumas religiões atribuem funções para além da nossa existência, mas o que realmente sabemos sobre a morte é de que ela é única certeza da vida. Posto isso, nesta pesquisa iremos evidenciar como a morte e vida são elementos quase indissociáveis, que a nossa espécie já vivenciou e através do amor vivencia de forma intensa, assim demonstraremos suas importâncias para o amor e porque constituem uma de suas características.

Nas discussões anteriores dissemos como a sexualidade e o erotismo são peças fundamentais para entender o amor, Bataille (2014) postula em suas

pesquisas um duplo erotismo: o erotismo do coração e o do corpo, o que em outras palavras remetem aos mesmos dois aspectos já mencionados, um remetendo ao desejo carnal e o outro a entrega total dos amantes com a reciprocidade dos sentimentos e em que ambos envolvidos buscam se completar um no outro. Essa sensação de completar-se no outro é argumentado por ele sob o entendimento de que o ser humano desde sua concepção evidencia a morte:

O espermatozoide e o óvulo são, em seu estado elementar, seres descontínuos, mas se unem e, em consequência, uma continuidade se estabelece entre eles para formar um novo ser a partir da morte, da desaparecimento dos seres separados. O próprio ser é, ele próprio, descontínuo, mas traz em si a passagem à continuidade, a fusão, mortal para cada um deles, dos dois seres distintos. (Bataille, 2014, p. 38)

Sendo assim, a morte desses seres descontínuos, o óvulo e espermatozoide, gera o resultado de um ser humano que carrega em si o desejo de continuidade. Para Bataille, a descontinuidade do ser se dá quando o mesmo, em sua vida, é confrontado com a vontade de sempre existir. A vontade de ser imortal é quase inerente ao homem, a reprodução que pode vir por meio do sexo nos proporciona essa falsa sensação. São inseparáveis, vida e morte, estão presentes no imaginário humano diariamente e esse por sua vez tenta escapar da morte procurando viver uma vida feliz e plena no amor.

É então que o ser humano pelo amor se depara com essa ambiguidade que muitas vezes pode possuir outros nomes ou formas de se expressar, mas sempre remetem a essa dualidade da vida e morte. Como diz Paz (1994, p. 87):

O amor é o reconhecimento, na pessoa amada, desse dom do voo que distingue todas as criaturas humanas. O mistério da condição humana reside em sua liberdade: é queda e é voo.

É ao mesmo tempo queda e voo em que o ser humano escolhe voar e saberá que um dia cairá, o amor é representado por essa dualidade. Em outra passagem também afirma:

Começa com a admiração diante de uma pessoa, vem depois o entusiasmo e tudo culmina com a paixão que nos leva à felicidade ou ao desastre. O amor é uma prova que a todos, felizes e desgraçados, enobrece. (Paz, 1994, p. 87)

Seja nessa felicidade suprema ou na desgraça, seja no voo ou na queda, é “[...] dupla fascinação diante da vida e da morte, o amor é queda e voo, escolha e submissão” (Paz, 2014, p. 88). Para ele o ato de amar, estar amando, nos faz perceber a vida do modo mais pleno possível, viver de forma mais íntegra, ao mesmo tempo, quase uma escapatória da morte; mas quanto mais felizes e vívidos estamos pelo amor mais somos cientes do fim, assim surge esse empasse da vida e morte. Amar é encontrar no outro um caminho para viver, e não fugir da morte já que esse fim é irremediável. Nas palavras de Bataille (2014, p. 43), a paixão, o erotismo do coração, amar, em essência é a substituição da descontinuidade desses dois seres por uma continuidade maravilhosa. O autor enfatiza que as pessoas, normalmente, estão nessa fuga da morte quando buscam uma vida longa ao lado do ser amado, uma vida plena. Além disso, ainda destaca que não vemos no ser amado, em sua posse, a morte, mas o contrário, e que a morte está ligada nessa busca. Porém, quando não se tem o ser amado, o amante pensa às vezes na morte, em matar ou morrer, a perda evidencia que somente com ele a vida contínua era possível e visível. Sob essas perspectivas, o escritor francês nos ajuda a pensar que as pessoas são seres que estão nessa luta constante da vida e morte, são cientes que o fim é para todos e mesmo assim, devido a esse desejo em nosso âmago de uma continuidade, de viver ao máximo, encontram no ser amado esse caminho. Amar, estar nesse estado do erotismo do coração e entregar-se totalmente, evoca a vida íntegra, mas ao mesmo tempo a morte, caso não possua o amado. Não estar amando, perder o amado é vivenciar a morte ainda em vida.

Por meio dessa discussão, entendemos que o ser humano desde antes do seu nascimento vivencia a morte e por isso em sua vida procura uma forma de escapar dessa sina. Acha então pelo amor, no amante, um caminho para viver em plenitude, amar é uma dádiva que estende essa linha entre vida e morte onde os seres humanos se encontram. Assim como expressa Paz (1994, p. 189):

O amor também é uma resposta: por ser temporal, o amor é, simultaneamente; consciência da morte e tentativa de fazer do instante uma eternidade. Todos os amores são infelizes porque todos são feitos de tempo, todos são o nó frágil das criaturas temporais que sabem que vão morrer; em todos os amores, até nos mais trágicos, há um instante de felicidade que não é exagerado chamar de sobre-humana: é uma vitória contra o tempo, um vislumbrar do outro lado, esse mais além que é um aqui, onde nada muda e tudo o que é realmente é.

Vivemos regidos pelo tempo cronológico e esse nos guia para o fim, nossa única forma de tentar escapar é estender esse tempo, o amor é essa resposta, Paz (1994, p. 191) “O amor é intensidade e por isso é uma distensão do tempo: estira os minutos e os faz longos como séculos”.

Nesse mesmo viés, o amado é a chave para conseguir dilatar o tempo e viver mais. É pela entrega total dos amantes, de pertencer ao outro, que encontramos esse caminho. Nos entregar tanto ao ponto de nossa existência viver no outro, corpo e alma, desejo e sentimento se unem em um único ser e assim lidam com o tempo.

Pensando sob esse ponto de vista do amor e a vida, explica Freud:

Estou falando, claro, daquela orientação de vida que tem o amor como centro, que espera toda satisfação do amar e ser amado. Essa atitude psíquica é familiar a todos nós; uma das formas de manifestação do amor, o amor sexual, nos proporcionou a mais forte experiência de uma sensação de prazer avassaladora, dando-nos assim o modelo para nossa busca da felicidade. Nada mais natural do que insistirmos em procurá-la no mesmo caminho em que encontramos primeiro. O lado frágil dessa técnica de vida é patente; senão, ninguém ocorreria abandonar esse caminho por outro. Nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor. (Freud, 2011, p. 26)

O ser humano procura e acha no ato de amar uma das orientações de vida mais satisfatórias, nos proporcionando felicidades inimagináveis, satisfações de nossas vontades, em contrapartida, o amor também nos faz viver esse lado triste e nos torna frágil quando o amor ou o amado não está mais conosco.

3.2.2 ESCOLHA E DESTINO: ENLACES DO AMOR

Sabemos então que quando falamos em amor romântico lidamos com as forças da vida e da morte, estar amando faz você vivenciar de maneira plena sua

existência mas o torna ciente do outro ponto dessa equação: encaramos face a face o temível fim que aguarda a todos; esse sentimento nos ajuda a contornar o tempo que nos direciona a morte: o amado é a chave para que isso ocorra. Dito isso, agora nosso próximo passo é delimitar outros dois pontos importantes para a caracterização desse amor: o destino e a escolha. Ambos os aspectos contribuem para dar forma e veracidade ao amor romântico vivido pelas partes envolvidas.

Para tanto, retornaremos a *O Banquete*, de Platão, no decorrer do diálogo Aristófanes, um dos participantes daquela roda de conversa, começa a tecer elogios a Eros (o amor) com a história da origem dos homens:

Primeiro havia três sexos humanos, não dois, o masculino e o feminino, mas também havia um terceiro, que tinha participação em ambos, do qual agora resta um nome, mas esse desapareceu: o andrógono, o único, quanto à forma e ao nome, que tinha participação em ambos os sexos, masculino e feminino, e agora não resta nada além de um nome posto em censura. (Platão, 2015, p. 36)

Esses seres possuíam uma forma esférica, dotados de quatro pernas e quatro braços, duas faces completamente semelhantes que eram posicionadas sobre um pescoço dividindo a mesma cabeça em posições opostas, quatro orelhas, um par de órgãos sexuais, assim como o restante que se possa imaginar. Conseguiram andar eretos normalmente e corriam rapidamente ao utilizar os pares de pernas, eram extremamente fortes e ágeis e por isso um dia tentaram subjugar os deuses, contudo, não conseguiram e Zeus como forma de punição contra os atos daquelas criaturas decidiu cortá-las ao meio e virou seus rostos e pescoços para o lado do corte para que eles lembrassem do que fizeram. Agora separados, os seres humanos estavam incompletos, vagavam a procura da sua parte restante, sua única motivação era achar o parceiro que um dia fez parte de sua vida. Quando se encontravam não faziam mais nada além do que abraçar seu parceiro e morreriam naquela posição pois saciavam seu único desejo, mas Zeus vendo aquilo ficou mais uma vez chateado porque seus adoradores estavam morrendo naquela procura incessante, ele decidiu que a partir daquele momento as metades poderiam se sentir completas quando estivessem levando uma vida com o ser amado:

(...) no abraço não somente um homem se encontrasse com uma mulher e gerasse a continuidade da espécie humana, como também um homem, ao juntar-se a outro homem, teria plenitude no encontro, juntos repousariam, voltariam ao trabalho e se preocupariam com as demais coisas da vida. (Platão, 2015, p. 38).

Pela boca de Aristófanes somos então apresentados a essa força que os seres humanos denominam destino, caracterizado por uma sucessão de acontecimentos inevitáveis ligados a uma ordem superior. Há muito tempo o ser humano tenta achar explicações sobre ele e, à vista dessa passagem filosófica, nossas ações no amor seriam guiadas por essa sina, estaríamos predestinados a vagar pelo mundo procurando essa nossa outra metade que um dia nos pertenceu, um fado encontrar a outra pessoa, esse encontro já estaria escrito; achar esse outro ser é uma oportunidade divina por ser tão boa, além da compreensão humana.

Então quando as pessoas estão amando o destino é o único responsável e que possui controle? Não há um processo de escolha, que nossas vontades não são levadas em consideração? Ora, é lógico que quem somos, onde vivemos, nossa identidade refletirá muito nesse processo que se tornará uma escolha também. É assim que então discorreremos sobre como o amor é um eterno jogo entre escolha e destino. Como afirma Paz (1994, p. 35), “[...] atração que experimentam os amantes é involuntária, nasce de um magnetismo secreto e todo-poderoso; ao mesmo tempo, é uma escolha.”, quando nos sentimos atraídos por alguém muitos fatos são levados em conta, características físicas, sua personalidade, mas às vezes até mesmo em um breve espaço de tempo quando vemos a pessoa podemos desejá-la como se algo além da compreensão nos levasse por esse caminho, contudo, cabe a nós escolher se queremos levar adiante esse desejo. Não é por acaso que o amor muitas vezes é representado como o cupido, um ser alado que atira flechas da paixão, que promove um arrebatamento de amor entre as pessoas flechadas por ele, um sentimento que nasce sem os seres humanos escolherem. O cupido, na mitologia romana é também conhecido como Eros – é dele que surge o nome erotismo -, deus do amor, filho de Afrodite, deusa do amor. Porém Eros está relacionado ao amor mais avassalador, instantâneo, enquanto sua mãe é o amor mais sublime, o amor que consegue superar todos os obstáculos. Partindo desse ponto de escolha e destino que estão presentes no ato de amar, um paralelo pode ser

criado: servidão e liberdade. Se dizemos que nosso amado é colocado em nossas vidas por uma obra do acaso, seremos escravos dessa condição imposta, logo, nossa escolha nos liberta desse estado. E como já dito, o amor é uma entrega ao parceiro, por isso também um ato de servidão e liberdade; o amor terá como elemento constituinte esses pontos paralelos: o destino/servidão e a escolha/liberdade. Os amantes estarão nesse jogo constantemente em que uma hora aceitarão seus destinos, em outro momento praticarão suas escolhas. Paz (1994), indaga que os poetas poderiam ter nos ditos antes que o amor nasce dessa ação involuntária e que com nosso livre-arbítrio transformamos em escolha, a circunstância que transformou servidão em liberdade. “O amor é um nó no qual se amarram, indissolúvelmente, destino e liberdade.” (Paz, 1994, p. 39), são forças indissolúveis da mesma equação.

3.2.3 TRANSFORMAÇÕES DO AMOR: A FORMA DA ÁGUA

Até o dado momento compreendemos que quando as pessoas estão vivenciando o amor se encontram em primeira ocasião com o desejo e por meio dele transforma-se em entrega total, experimentam uma sensação única de felicidade, de completude, vivem plenamente e ao mesmo tempo lidam com a morte, também se deparam com o destino e o livre-arbítrio que os seres humanos possuem, num jogo constante de mudança de um estado para o outro. O amor então age no homem sob diversas formas, muda nossa percepção sobre alguns elementos, como agimos, como sentimos o mundo ao nosso redor; o amor é um sentimento que mexe com nossa compreensão, nos modifica, nos transforma. Sob essa premissa, nos delimitaremos a discorrer sobre o aspecto do amor: a transformação, ou seja, as transformações que o amor causa em nós e sua importância.

Para tanto, e não por acaso, utilizaremos mais uma vez uma passagem de *O Banquete*, de Platão, para introduzir como esse sentimento tem um grande poder de mudança na vida humana. Nosso locutor na obra agora é Fedro, em seu discurso sobre o amor, entra em consenso com os demais presentes que Eros era um dos deuses mais antigos existentes e por sua vez é um dos maiores causadores de bens da vida humana.

Nada é capaz de fazer tanto bem como o amor. E o que é isto que digo? A vergonha diante das coisas feias, o desejo de honra diante das coisas belas; pois sem isso nem uma cidade nem um indivíduo realiza grandes e belas obras. Portanto, eu digo que o homem que ama, se fosse pego fazendo algo feio ou sofrendo algo de outro sem se defender, por covardia, nem se visto pelo pai, nem por seus companheiros, nem por e qualquer outro, não sentiria tanta dor como se fosse visto pela pessoa amada. Isso é o mesmo que vemos também na pessoa amada, que de modo especial sente vergonha quando se vê em algum ato vergonhoso diante de quem ama. (Platão, 2015, p. 23)

Além de discorrer a respeito de como os amantes se sentem na presença do amado, Fedro aponta que o amor é uma das únicas características humanas que nos leva a um caminho de honra, da felicidade entre os homens, tanto dos mortos quanto os vivos. Um exército de amantes seria uma das instituições mais imbatíveis em guerra, os amados se fortaleceriam com os companheiros e não deixariam ser abatidos tão facilmente quando na presença de quem amam. Fedro em seu breve discurso, mostra aos companheiros de discussão, a seu ver, como o amor é um elemento com grande força de mudança na vida humana, o homem age de maneira diferente quando está com o ser amado, tenta sempre ser uma versão melhor de si mesmo para ser honrado de pertencer àquele que lhe traz uma felicidade única, uma vida plena.

Nessa perspectiva, postula Paz (1994, p. 30), que “[...] um amante, assim, pode motivar o saber, a virtude e a veneração pelo belo, o justo e o bom na alma do amado”, o amado torna-se fonte de inspiração para tudo o que for bom, para as boas virtudes. O amor pode nos tocar profundamente.

Se o amor é uma força transformadora entendemos que se parte de um estado primário para outro diferente, se tratando desse sentimento pressupõe, dessa mesma forma uma mudança, seja do mal para o bem e vice-versa, assim como dialogam Platão e Paz, o amor é uma ação que modifica o ser humano em vários aspectos.

Outro ponto paralelo a esse é a água, como elemento de transformação, de autorreflexão e ao mesmo tempo de passagem, que promove mudanças. Como elemento presente na vida humana possui algumas características, apontam Chevalier e Gheerbrant (2001, p.15):

As significações simbólicas da água podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de

regenerescência. Esses três temas se encontram nas mais variadas combinações imaginárias – e as mais coerentes também.

Cada sociedade, cada cultura tem uma maneira particular de lidar com esse elemento, nos rituais de batismo, por exemplo, a água é usada como meio para uma vida nova, só por meio dela os pecados são levados e o ser humano renascerá para um novo estado. Muitas vezes está relacionado a uma força sem impedimentos, que corre livre independente do terreno que passa, também se liga a um estado de pureza, de purificação, quando o vinho mais forte deve ser diluído nela para ser bebido, mesmo se tratando do vinho da sabedoria. Além disso, em algumas passagens da bíblia católica esse elemento se faz presente como sinal de benção pelos fiéis, por isso faz-se necessário a reza para que chova, que caía uma “chuva de benção”.

A água como símbolo de transformação, regeneração e vida também estará ligada a morte, em determinadas histórias esse elemento é associado a malefícios ao ser humano, “[...] a água pode destruir e engolir, as borrascas destroem as vinhas em flor” (Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 18), ou mesmo na história do grande dilúvio em que uma forte tempestade deixou todo o planeta submerso.

Assim, a água também comporta um poder maléfico. Nesse caso, ela pune os pecadores, mas não atinge os justos: estes nada têm a temer das grandes águas. Às águas da morte concernem apenas os pecadores e se transformam em águas de vida para os justos. Como fogo, a água pode servir de ordálio. Os objetos nela lançados se julgam, a água não profere sentença. Símbolos da dualidade do alto e do baixo: água de chuva – água do mar. A primeira é pura; a segunda, salgada. (Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 18)

Nesse caso, a água aparece como elemento de destruição e não somente vida. Em paralelo a essa face da morte, a água surge como força de purificação, da morte para vida, o fim só chega aqueles que não são justos, honrados; aos que são virtuosos nada devem temer. Nessa mesma dualidade apresenta as águas que estão em cima, no céu simbolizando o bem, já as que estão no solo em uma situação imóvel, salgadas são más.

O amor, assim como apontou Fedro, atua no ser humano de forma positiva, o homem começa a sempre querer tudo o que for bom, ser bom e honrado para ser merecedor do amado, nos transforma; dado parecido ocorre

com a água, uma vez que ela age, conforme as diversas culturas demonstram, nos estados de vida, purificação e regeneração do ser. Queremos, portanto, interpretar na obra como esses agem nas transformações dos dois personagens, as mudanças ocorridas e seus efeitos para ambos, assim mais uma vez ressaltando a importância desse amor, e como a água em algumas passagens apresenta esse símbolo de transição, de mudar.

3.3 ANÁLISE: O AUGES DA FLOR DO AMOR

Após trazermos nos tópicos anteriores as características do amor romântico: i) Sexualidade e Erotismo: pilares do amor; ii) A dualidade humana: vida e morte; iii) Escolha e destino: enlaces do amor; e iv) Transformações do amor: a forma da água, neste tópico daremos início às análises da obra por meio dessas linhas de pensamento que introduzimos, cada parte correspondendo respectivamente a um dos itens já citados.

Recapitulando a metáfora que usamos para referir ao amor, dissemos que era como uma flor: sua raiz é a sexualidade, o erotismo o talo, a flor que nasce desses dois é o amor em si, todos esses aspectos são partes complementares desse mesmo sentimento. Logo, nossa primeira análise será sobre a sexualidade e o erotismo. Podemos notar esse componente aparecendo durante algumas passagens do livro. Quando Oliver, o acadêmico convidado, chega à casa da família, a primeira lembrança de Elio sobre ele é:

Fecho os olhos, pronuncio as palavras e estou de volta à Itália, tantos anos atrás, descendo a entrada arborizada, observando-o sair do táxi com uma camisa azul esvoaçante, o colarinho bem aberto, óculos escuros, chapéu de palha, muita pele à mostra. (Aciman, 2018, p. 9)

Como dito, a amor em sua primeira propriedade é sentido na primeira camada do desejo, sobre o desejo do corpo, da aparência, da pele, por esse famoso desejo carnal, o que podemos evidenciar nessa passagem em que Elio retrata a saída do hóspede do veículo, lembrando qual camisa ele vestia, como sua vestimenta deixava a pele à vista. Em outro momento, em um dos primeiros almoços em família que Oliver participava, nosso protagonista observava atentamente:

[...] durante um daqueles almoços tediosos, quando sentou-se ao meu lado e finalmente percebi que, apesar do leve bronzeado adquirido durante a breve estadia na Sicília no início do verão, as palmas de suas mãos tinham a mesma cor da pele clara e macia da sola de seus pés, de seu pescoço e da parte interna dos antebraços, que praticamente não haviam sido expostos ao sol. Quase um rosa-claro, a pele reluzente e macia como a barriga de um lagarto. Íntima, pura, intocada, como o rosto corado de um atleta ou a instituição do alvorecer em uma noite de tempestade. (Aciman, 2018, p. 12)

Elio deixa evidente em suas primeiras lembranças de Oliver seu desejo, relatando seus atributos físicos, descrevendo muito sobre a aparência, também notando demasiadamente a pele que ficava à mostra em um paralelo a essa atração carnal, relacionado ao corpo, de desejar pelo instinto da sexualidade.

Como não percebi? Você se pergunta. Sei reconhecer o desejo – dessa vez, no entanto, tinha passado completamente despercebido. Eu me saía com meu sorriso misterioso, que fazia o rosto dele se iluminar toda vez que lia meus pensamentos, mas tudo o que eu queria era pele, apenas pele. (Aciman, 2018, p. 15)

A pele, essa essência primária, retomada do desejo mais primitivo, do sexo, foi uma das primeiras sensações que surgiu nele. “Mas eu não enganava a mim mesmo. Estava convencido de que ninguém no mundo o desejava de modo tão primitivo quanto eu” (Aciman, 2018, p. 50). A primeira emoção que é atribuída a Oliver é o do desejo, assim como o primeiro pilar que origina e sustenta o amor.

E assim, com o surgimento do desejo por seu amado, notamos as mudanças que ocorrem nesse sentimento para o erotismo. Com o passar do tempo eles se envolveram, tiveram mais contato, conversas, intensificaram sua relação para além do carnal. Tiveram uma identificação. Em determinado momento, quando estão em seu quarto e se beijam, Elio afirma “Eu me abaixei e beijei o pescoço de Oliver. Foi a primeira vez que o beijei com sentimento, não só desejo” (Aciman, 2018, p.181). O entendimento de que há mais do que desejo naquele gesto faz florescer o amor, descoberta desse sentimento.

Também podemos notar que esse desejo, que foi uma das primeiras impressões que marcaram os dois agora se transformou, “(...) imaginava ser capaz de desejar outra alma” (Aciman, 2018, p. 35), sua vontade em relação a Oliver agora é além do corpo, é sua alma. É um desejar profundamente o outro

em seus mais íntimos detalhes, alma e corpo são agora objetos do desejo, são as bases para o amor.

Depois que os dois vivenciaram essas duas particularidades do amor – sexualidade e erotismo – agora conseguem prosseguir para as outras características dele: vida e morte. Sob essa perspectiva, pela nossa análise na obra, desde o primeiro momento percebemos se tratar de uma história de amor que os amantes não ficam juntos no final, somos cientes dessa característica desde o começo, Elio sabe disso e mesmo assim conta aos leitores com entusiasmo, com paixão esse amor que viveu. Não por acaso que a primeira frase do livro seja “Até depois!”, essa expressão de despedida que introduz um romance, o paralelo entre o fim e começo. Ele narra sua história e demonstra como esse relacionamento com Oliver foi muito importante, marcante em sua vida, tão belo que vale ser lembrado. “É a primeira lembrança que tenho dele, e parece que ainda hoje consigo ouvi-lo. ‘Até depois!’” (Aciman, 2018, p. 9). Demonstra essa saudação ao passado, se o fim é eminente, o que importa é como eles viveram esses momentos.

Sob essa mesma ótica, nosso protagonista ao lembrar do hóspede daquele verão afirma: “[...] que alguém que fazia parte do meu mundo poderia gostar do que eu gostava, querer o que eu queria, ser quem eu era.” (Aciman, 2018, p.14), essa sensação de pertencimento e entrega máxima demoram a ser entendida por ele, essa completude de ser no outro.

Em outra passagem do livro, após um curto período em que Elio observava Oliver trabalhando em suas pesquisas, depois que a relação entre eles estava um pouco abalada por alguns desentendimentos, ele fica refletindo sobre o que sentia:

Eu queria ser como ele? Eu queria ser ele? Ou só queria tê-lo? Ou “ser” e “ter” são verbos imprecisos no emaranhado do desejo, em que ter o corpo do outro para tocar e ser o outro que desejamos tocar são a mesma coisa, apenas margens opostas de um rio que passa de nós a ele, volta a nós e a ele novamente, em um ciclo sem fim em que as cavidades do coração, como as armadilhas do desejo, os buracos de minhoca do tempo e as gavetas de fundo falso a que chamamos identidade compartilham uma lógica sedutora, segundo a qual a distância mais curta entre a vida real e a não vivida, entre quem nós somos e o que queremos, é uma escada em caracol projetada com a crueldade impiedosa de M. C. Escher. (Aciman, 2018, p. 82)

Ele então presencia em suas divagações os aspectos da vida e morte que o amor incita, das ambiguidades que fazem parte dele: ao amar Oliver, Elio se confunde ou fica na dúvida sobre se quer ser o amado ou tê-lo, sentir essa entrega por completo é ao mesmo tempo querer viver ao máximo esse sentimento e não existir para escapar da morte iminente, é uma procura para viver no outro; também se depara com a força do tempo a tratando como uma armadilha em que os amantes são colocados depois que se unem, mas sempre estão separados por essa força maior; além disso, compara essa trajetória as escadas projetadas por Escher, uma estrutura em que duas pessoas que vivem em gravidades opostas compartilham a mesma escada, cada um do seu modo, dividem a escada em polos distintos, juntos mas separados por uma força que está além deles, ambiguidade assim como a queda e o voo, amar é encontrar uma maneira de tentar pertencer ao mesmo espaço com o ser amado.

“Eu acredito com cada célula do meu corpo que cada célula do seu não deve, nunca deve morrer, e se tiver que morrer, que seja dentro do meu corpo.” (Aciman, 2018, p. 248), Elio, em seus pensamentos, percebe que os atos de Oliver representam esse eterno viver e se tiver que morrer que seja dentro dele, em um único corpo.

Não há uma luta contra o tempo, mas o entendimento de sua presença, como ele nos ajuda a viver cada momento ao máximo, assim como a frase *carpe diem*, desfrute o momento. “Tudo podia acabar em um instante” (Aciman, 2018, p. 145). O tempo fica mais evidente ao passo que menos queremos em nossas vidas:

Mas entendi o aviso e, como um júri que ouviu provas inadmissíveis antes que fossem excluídas dos autos pelo juiz, de repente vi que nosso tempo era emprestado, que o tempo é sempre emprestado, e que a agência de crédito cobra a dívida exatamente quando estamos menos preparados para pagá-la e precisamos pegar mais emprestado. (Aciman, 2018, p. 190)

O tempo cronológico sob o qual estamos vivendo é nosso carrasco, não temos o poder de fugir dele ou contorná-lo sozinhos. Nesses momentos que o tempo os confronta, Elio sabe que o que tinha de fazer era, às vezes, ignorar,

porque ele já estava em um caminho sem volta, esse é o destino para os amados:

Eu sabia que nossos minutos eram contados; mas não ousava contá-los, assim como sabia para onde tudo aquilo estava levando, mas não queria ler as placas. Houve um momento em que intencionalmente não joguei migalhas para marcar o caminho do retorno; em vez disso, comi todas. (Aciman, 2018, p. 189)

E quando pensa nos últimos momentos juntos, lembra que conseguiu dilatar o tempo, contornar esse fim que os rondava:

Quando penso nos últimos dez dias que passamos juntos, vejo o mergulho logo cedo, o café da manhã preguiçoso, a pedalada até a cidade, o trabalho no jardim, os almoços, os cochilos à tarde, mais trabalho à tarde, tênis talvez, a piazzetta depois do jantar e toda noite o tipo de sexo capaz de fazer o tempo parar. (Aciman, 2018, p.185)

Portanto, se conseguiu essa sensação com Oliver, Elio vivenciou o amor em sua plenitude, viver ao máximo “Nunca na vida estive tão feliz,” (Aciman, 2018, p. 170).

Quando Elio e Oliver têm seu primeiro momento de sexo com penetração, o protagonista se indaga por onde esteve seu amado durante todo esse tempo, pois viver sem ele é o mesmo que não estar vivo, é levar uma vida sem graça:

O sonho estava certo... era como voltar para casa, como perguntar Onde eu estive todo esse tempo? Que era outro jeito de perguntar Onde você estava durante minha infância, Oliver? Que era ainda outro jeito de perguntar O que é a vida sem isso? Motivo pelo qual, no fim das contas, fui eu, e não ele, que deixou escapar, não uma, mas muitas, muitas vezes Você vai me matar se parar, você vai me matar se parar, porque também era meu jeito de unir o sonho e a fantasia, eu e ele, as palavras tão esperadas de sua boca para a minha boca e de volta para a dele, trocando palavras de boca em boca, que foi quando devo ter começado a proferir obscenidades que ele repetia depois de mim, baixinho no início, até que disse:
— Me chame pelo seu nome e eu vou chamar você pelo meu.
(Aciman, 2018, p.158)

É nesse momento entre os dois que entendemos a expressão que dá nome ao livro: me chame pelo seu nome, Elio pede a Oliver que o chame dessa forma e ele fará o mesmo, pois essa é a entrega, de pertencer ao outro; o nosso

nome remete a quem somos, quase uma característica que nos identifica, ao doar seu nome à pessoa amada você está se entregando junto, uma entrega de almas, uma sensação de identificação, e quando o amado faz dessa mesma forma ambos se pertencem, deixam de ser esse ser único e agora vivem no outro, uma fuga da morte: viver no amado.

Os dois se dão conta de que chegaram ao clímax da vida, estão vivendo de forma plena e por isso se deparam com o fim, com a morte, procuram um jeito de lidar com essa certeza, é então pelo amor que acham a resposta para esse dilema, uma forma de contornar o pouco tempo que resta: se entregam ao ponto de pertencerem, viverem um no outro, se unem corpo e alma, alcançando a capacidade de dilatar o tempo e aproveitar mais aquele momento.

Os amantes confrontaram a vida em sua plenitude e a morte, passaram por mais um estágio do amor, agora lidarão com a ambiguidade que o amor romântico implica: escolha e destino. Tais características podem ser observadas na obra, depois de alguns dias que Oliver tinha chegado à casa da família, ele viu Elio tocando piano e se impressionou com a habilidade dele e à noite ao deitar fica imaginando a pergunta que poderia ter feito ao jovem pesquisador e a possível resposta que obteria: “Eu podia muito bem ter perguntado: eu também mudo completamente dessa maneira? *Não fomos escritos para um único instrumento; eu não fui, nem você.*” (Aciman, 2018, p. 20, grifos no original), a resposta alude ao processo contrário do destino, de que não há uma única pessoa esperando por nós durante a vida, que não somos escritos para um único instrumento, temos possibilidades.

Mas quando tiveram um dos seus primeiros momentos juntos de entrega total ao parceiro, vivenciaram aquela sensação de comunhão de corpos e do poder de lidar com o tempo, Elio se questiona “Quando separaram nós dois, Oliver?” (Aciman, 2018, p.82), suscitando a questão dos corpos, das almas que um dia foram separadas e agora vagam procurando um ao outro, seu encontro só podia ser predestinado, a possibilidade de viver algo tão incrível só poderia vir de uma força sobre-humana, o destino.

Durante um almoço em família Oliver faz um gesto com os pés de baixo da mesa:

Talvez tenha sido o meu pé que tocou o dele. Que recuou, não no mesmo instante, mas rápido o suficiente, como se tivesse esperado conscientemente o intervalo de tempo apropriado para não dar a impressão de ter recuado em pânico. Também esperei mais alguns segundos e, sem planejar meus movimentos, permiti que meu pé procurasse pelo outro [...]. Mal tive tempo de fazer algo com o pé e, sem aviso, sem me dar um tempo para que eu fosse até ele ou deixasse meu pé descansar a uma distância segura, de súbito, suave e gentilmente, o pé dele veio até o meu e começou a acariciá-lo, massageá-lo, sem parar um segundo, o calcanhar redondo e macio imobilizando meu pé, às vezes o pressionando, mas aliviando o peso em seguida com mais carinho dos dedos [...]
(Aciman, 2018, p.100)

Ao fazer isso Oliver procura o pé de Elio, assim como quem procura o amado durante a vida, entre deslizos os dois se encaixam e se deixam levar pelo momento de entrega. Oliver toma controle da situação com os pés, ele se impõe e domina o pé de seu amado, acaricia, pressiona e alivia seus gestos quando quer, Elio fica em um estado de submissão, servidão em relação a ele. Notamos a presença entre destino e servidão. Em uma situação parecida alguns dias depois, “[...] à mesa, ele decidiu sentar ao meu lado e, quando ninguém estava olhando, colocou o pé não em cima, mas embaixo do meu” (Aciman, 2018, p. 167), Elio tinha agora o controle sobre a situação, não era mais o submisso, passa a escolher como lidar com a situação e Oliver se entrega ao momento, uma inversão de papéis, Elio passa a ser quem experiencia a escolha e a liberdade com seu amado.

Depois de muitos acontecimentos na história, próximo do momento da partida de Oliver que ficaria pouco tempo desenvolvendo sua pesquisa e auxiliando o pai de Elio, descobrimos que o processo de escolha do hóspede na casa da família era feito por Elio e seu pai, eles tinham as fichas de inscrição e assim os escolhiam. O jovem lembra de ficar olhando para o homem que um dia dividira corpo e alma, que se tornaram um, que entregaram os nomes, “[...] eu havia escolhido bem” (Aciman, 2018, p. 100), Elio viveu o amor de forma clara, desejou corpo e alma, descobriu a felicidade suprema e ao mesmo tempo se deparou com a morte, com o fim inevitável que o tempo com seu amado estava destinado, se entregaram ao ponto de experimentar que pelas suas escolhas foram capazes de encontrarem suas partes que faltavam, que fariam eles estarem vivos por completo. “Ao nos apaixonarmos, escolhemos nossa fatalidade. Seja amor a Deus ou o amor a Isolda, o amor é um mistério no qual

liberdade e predestinação se enlaçam” (Paz, 1994, p. 114). Escolha e destino, servidão e liberdade aspectos que envolvem o amor.

Elio e Oliver por meio do amor já viveram o desejo carnal e o desejo mais intenso, entenderam a vida e morte, passam pela escolha e destino que os une, sendo assim, agora nos deparamos com as transformações que o amor romântico causa nas pessoas que o sentem. Em uma de suas memórias Elio rememora as sensações que sentiu durante aquele verão e como aquilo o mudou:

Está gravado em cada música que foi sucesso naquele verão, em cada romance que li durante e após sua estadia, em tudo, do cheiro do alecrim em dias quentes ao canto frenético das cigarras à tarde — cheiros e sons com os quais cresci e convivi durante todos os verões anteriores àquele, mas que de repente se transformaram e adquiriram nuances diferentes, para sempre coloridos pelos acontecimentos daquele verão. (Aciman, 2018, p. 17)

Em suas lembranças o protagonista evidencia que aquele período durante o verão que viveu seu romance com Oliver, permitiu que houvesse uma transformação de como ele enxergava tudo ao redor, sua percepção em relação aos mesmos itens que conviveu durante outros verões agora era diferente, o amor foi o motivo para que isso ocorresse.

Alguns dias se passam assim que Oliver chega e Elio descobre: “[...] horas depois, ao descobrir que ele tinha acabado de escrever um livro sobre Heráclito (...)” (Aciman, 2018, p. 14), - a saber, Heráclito é um famoso filósofo grego que tem como uma de suas ideias principais que o mundo está em uma constante mudança, tendo uma de suas frases mais conhecidas: “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio” (Leão; Wrublewski, 2015, p. 83), uma metáfora de que os elementos são mutáveis, nem nós nem o rio são os mesmos - Oliver então simbolizará as ideias do filósofo, de que tudo mudaria, se transformaria; assim como as pessoas e as águas não são as mesmas, ele evoca a ideia de transformação.

Para que possa ocorrer essas transformações, ir de um ponto para outro, precisamos partir de um estado primário, aquilo que se modificará. Assim, na obra podemos notar que Elio refere-se a ele como sendo uma pessoa inferior a Oliver, “eu não era nada. Só um garoto.” (Aciman, 2018, p. 51), além de se chamar de garoto, alguém imaturo, novo, sem muitos atrativos. Aciman (2018,

p. 65), “As coisas ainda não estavam no ponto”, mesmo que desejasse muito seu amado, sentia que ainda não era o tempo certo, que ele não era merecedor de sentir e realizar suas vontades. “Eu me odiava por me sentir tão infeliz, tão invisível, tão atingido, tão imaturo.” (Aciman, 2018, p. 73), Elio, em sua imaturidade nutria raiva de si mesmo, pois com isso não alcançaria o seu amado, ficaria infeliz.

Ao passo que Elio se sentia somente um garoto, para ele Oliver tinha um status elevado, de um ser intocado, não por acaso ele o retravava como um ser além de seu alcance, “[...] ir para a orla do paraíso também significava ficar horas deitado à beira da piscina com uma perna balançando na água, com os fones de ouvido e o chapéu de palha cobrindo o rosto.” (Aciman, 2018, p. 36). O que segundo Bachelard (1997), essa substância, esse reflexo na água parada, imobiliza a imagem do céu, criando um segundo céu em seu seio. Assim, a piscina em que Oliver fica reflete o céu – o paraíso – que somente ele poderia habitar por ser uma pessoa superior em relação a Elio.

Retomando a discussão da água que age assim como o amor na simbologia das transformações, analisamos em uma passagem como Elio rememora o homem que tanto desejou:

Lembrei da cena da Bíblia na qual Jacó pede água a Raquel e, ao ouvi-la dizer as palavras que foram profetizadas para ele, joga as mãos para o céu e beija o chão perto do poço. Eu judeu, Celan judeu, Oliver judeu — vivíamos no gueto e no oásis de um mundo cruel e implacável onde, de repente, não estamos mais entre estranhos, não há mal-entendido e ninguém nos julga, onde simplesmente conhecemos um ao outro tão profundamente que ser privado dessa intimidade é galut, palavra hebraica que significa degredo e exílio. Então seria ele meu lar, meu regresso? (Aciman, 2018, p. 62)

Oliver é, então, como uma chuva de benção, a água para aquele que está no deserto escaldante, representando um oásis em meio aquela vida turbulenta. Além disso, simbolizando a união deles como esse exílio ou regresso ao lar, ao estado natural das coisas. “Nas tradições judaica e cristã, a água simboliza, em primeiro lugar, a origem da criação. O **mem** (M) hebraico simboliza a água sensível: ela é mãe e matriz (útero).” (Chevalier; Gheerbrant, 2001, p. 16), água e Oliver representando essa mudança de estado, da retomada de uma vida boa, a união dos seres que foram separados e agora se juntam novamente, voltam às origens.

Em seguida, esse mesmo sentimento de separação que existe entre eles ainda é ressaltado em outro momento:

Ou “ser” e “ter” são verbos imprecisos no emaranhado do desejo, em que ter o corpo do outro para tocar e ser o outro que desejamos tocar são a mesma coisa, apenas margens opostas de um rio que passa de nós a ele (...) (Aciman, 2018, p. 82)

Mas agora, como seres que encontraram seu lugar no seu mundo e compartilham do mesmo amor, se encontram em margens opostas do mesmo rio, estão no mesmo lugar, porém separados.

Uma vez que a água e amor se apresentam como símbolo de pureza, transformação e vida, também são vistos em relação a morte, ao mal.

No trem contei sobre o dia em que pensei que ele tinha morrido afogado e como estava determinado a pedir ao meu pai que reunisse o máximo possível de pescadores para procurar por ele e, quando o encontrassem, eles acenderiam uma pira na praia e eu pegaria a faca da Mafalda na cozinha e arrancaria seu coração, porque aquele coração e a camisa eram tudo o que eu tinha de valioso na vida. (Aciman, 2017, p. 193)

Agora Elio imaginava o amado morto, em seus pensamentos preferia ficar com o corpo sem vida de Oliver do que não tê-lo, eram ideias egoístas e más. A água, nesse excerto, atua como ferramenta para chegar em seu objetivo maligno. Amor e a simbologia da água exercendo uma mudança do bem para o mal.

Essas foram as formas iniciais as quais os protagonistas são apresentados, Elio como um garoto jovem demais e Oliver como um ser soberano, em um nível superior. Com o decorrer da história, com a união dos dois por meio do amor, notamos as mudanças que neles acontecem: “Então por que você não ficou por aqui? Ele me encara e, de um adulto para outro(…)” (Aciman, 2018, p. 113), Elio agora se vê como um como um adulto, não mais um garoto sem nada a oferecer e que consegue ter uma conversa de igual com o seu amado.

Quanto mais se aproximam, mais compartilham as experiências que o amor consegue florescer nas pessoas, “[...] que há duas noites você colocou um anel de crescimento no tronco da minha alma” (Aciman, 2018, p. 123), e do mesmo modo que as árvores a cada ano ganham um anel de crescimento em

seu interior, o que representa seu tempo de vida, Elio sente que Oliver foi responsável por ele estar mais vivido, mais maduro, que é uma pessoa diferente do que havia sido. Agora tanto Oliver quanto Elio estavam no mesmo nível, o amor transformou os dois, “mas eu estava no paraíso.” (Aciman, 2018, p. 62), ambos pertencem ao mesmo lugar, estão no paraíso que só os amantes podem conhecer.

A água que uma vez simbolizava um lugar de contemplação e imobilidade do céu, agora, juntamente com o amor, atuam como força de purificação:

Mas, antes que eu tivesse a chance de exagerar a distância entre nós, me senti como se tivesse sido lavado pela água que desce a vitrine da floricultura, como se ela removesse toda a minha vergonha e todas as minhas inibições. (Aciman, 2018, p. 152)

Assim, as vivências de Elio e Oliver por meio do amor atuou neles como elemento de renovação, de transição, purificando ambos para um estado de bondade, de honra e removendo seus males interiores, não tinham mais vergonha ou inibições com o amado, se entregavam por completo.

Por fim, notamos como o amor agiu na vida de ambos os amantes, tanto Oliver quanto Elio mudaram para melhor durante esse período que ficaram juntos e viveram esse sentimento, o protagonista que uma hora se sentia como só um garoto depois passou a se ver como um adulto sem vergonhas, inibições e assim vivendo de forma plena e merecedor do amado, já Oliver que se encontrava em um lugar inalcançável agora era uma pessoa mais acessível e no mesmo nível de seu companheiro.

4. SOCIEDADE E SEXUALIDADE

Nos dedicamos no primeiro capítulo deste trabalho a discorrer sobre o Amor e suas características, passando pela Vida e Morte, Escolha e Destino e por fim como Amor é uma força transformadora, e como a água em sua simbologia apresenta esses mesmos aspectos de mudança no livro. A partir dessas análises é que nos debruçaremos a falar em Sociedade e Sexualidade qual espaço o amor ocupa em sociedade, como agimos sobre esse sentimento.

O percurso do Amor se estende por toda a história humana em uma forma vasta e heterogênea, desde os homens pré-históricos até os dias de hoje, nas sociedades orientais e ocidentais, o amor tem e teve significados diversos,

inúmeras representações e domínios. Como um sentimento tão amplo, nos atentaremos a um recorte histórico do amor, referente ao amor ocidental, e suas ramificações e implicações a partir do século XVII, pois falar de toda a sua trajetória seria um processo longo e que desviaria do nosso objetivo.

Como já dito, o amor, a sexualidade iniciam-se a partir da ação humana sobre seus instintos primários e os transformando em mais do que seres animais. É nesse caminho que Foucault (2019) afirma que desde a era vitoriana, século XVII, que em nós age ainda uma força repressora em torna da sexualidade; antes os códigos em relação a esse aspecto ainda eram meio frouxos, sem muitas vergonhas, entretanto, as circunstâncias mudaram e com a chegada desse período vitoriano uma sombra surge sobre nossos costumes e a modifica completamente. “A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca, e absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala” (Foucault, 2019, p. 7). O que era de caráter individual agora passa a ser posse da família conjugal, essa instituição que perante a sociedade é vista como um modelo a ser seguido; é ela que detém os direitos sobre a sexualidade e ditará seu rumo e como deverá ser para os demais. A sexualidade passa a ter uma utilidade. Tudo o que for contra essas normas estará contra as regras, visto como desviante. Nesse contexto, e como a religião, a igreja tinha muita influência sobre alguns aspectos da sociedade, não seria diferente com a família, dessa forma, o domínio da sexualidade pela família agora também era de cunho religioso. Por esse motivo, alguns podem pensar que a igreja começou a ser rigorosa e punitiva com a sexualidade na sociedade impondo severas restrições e até mesmo sua interdição, contudo, um contraponto acontece, a igreja ganha interesse nesse aspecto e começa a ditar como se lida com ela.

[...] a nudez das questões que os manuais de confissão da Idade Média formulavam e grande número daquelas que eram corretes no século XVII. Evita-se entrar nessa enumeração que, durante muito tempo, alguns, como Sanchez ou Tamburine, acreditaram ser indispensável para que a confissão fosse completa: posição respectiva dos parceiros, atitudes tomadas, gestos, toques, momento exato do prazer – todo um exame minucioso do ato sexual em sua própria execução. A discricção é recomendada cada vez com mais insistência. (Foucault, 2019, p. 21)

Nas confissões os atos praticados durante o sexo, como eram praticados, por quem, outras nuances desse tema eram severamente ouvidos, para que se pudesse ter conhecimento de como eram praticados e se não fugiam do que era postulado pelas forças maiores, e assim serem punidos se preciso fossem. Foucault (2019) ainda afirma que esse modelo se tornou cada vez mais intenso e as confissões passaram a ter uma periodicidade maior, o que fez com que no Ocidente moderno ainda se veja resquícios dessa fórmula; a criação dessa confissão ascética e monástica, fez-se um modelo para todos, dessa forma as interdições, as restrições com algumas palavras, alguns gestos, passou a ser um dispositivo para torna a sexualidade aceitável e tecnicamente útil em sociedade. O que ocasionou no homem ocidental, que atado a tarefa de falar mais sobre o sexo nas confissões, reorientasse seus desejos e assim a fala sobre a sexualidade intensificou, não se falava pouco sobre esse assunto, ou mesmo era um tabu que evitava ser mencionado, ao contrário, o homem falava daquilo que era permitido e correto a dizer pelas ferramentas de supressão. O discurso da sexualidade não foi silenciado, apenas direcionado pela força dominante da igreja.

Logo no final do século XVIII, os três grandes poderes que regravam os códigos sexuais eram a pastoral cristã, a lei civil e os direitos canônicos, os três juntos tinham como ideologia o dito da purificação da alma e do corpo das pessoas que praticavam sua sexualidade como eram ordenadas, assim, aqueles que se desviassem dos postulados dessa tríade de domínio tinham como destino punições divinas, eram condenados e pagavam com a alma, eram impuros. O medo se impõe junto com essas medidas. Essas condutas imbuíram no imaginário coletivo um senso coercitivo para a “boa prática” sexual, uma maneira das pessoas serem salvas, esse instrumento de dominação através do controle do saber da sexualidade levou poder e sexo a terem um mesmo dominador, não andavam separados, conseqüentemente penetraram nas condutas posteriores.

Percebemos então como a sexualidade está ligada a um sistema de poder recente, esteve em expansão muito acentuada a partir do século XVII, sua articulação não é vinculada mais ao tema de reprodução e sim ao domínio do corpo, “[...] vinculou-se a uma intensificação do corpo, à sua valorização como objeto de saber e como elemento nas relações de poder.” (Foucault, 2019, p.

117); a sexualidade que uma vez se ligava ao prazer humano passa a ser direcionada ao corpo e ao poder de quem está no controle.

Entender que a sexualidade passou por esse processo de domínio e transformações pelo poder das forças dominantes nos ajuda a pensar como as nuances do amor foram sendo moldadas pelo tempo e pelas pessoas. Assim, podemos chegar ao nosso próximo assunto: a homoafetividade masculina, tema que é retratado na obra *Me Chame Pelo Seu Nome*, uma vez que os personagens que vivem o romance são Elio e Oliver, dois homens.

Para dar início a essa discussão, voltaremos à Antiguidade, especificamente à Grécia Antiga e seu modelo de educação. Como aponta Marrou (1973), é necessário falar sobre a pederastia, pois se trata de um modelo educacional da época grega, além de lembrar a importância que o amor masculino ocupou na sociedade e reverberou nas gerações futuras. A pederastia, então é entendida como um sistema de ensino, rito de passagem do adolescente para a fase adulta, em que eles eram selecionados por homens mais velhos, seus mentores, que os ensinavam sobre as particularidades da vida da alta sociedade e compartilhavam de momentos íntimos, sexuais; todo esse sistema, perante a sociedade era vista com bons olhos, servia para o aperfeiçoamento do caráter masculino e sua honra. “A tradição antiga é unanime em ligar a prática da pederastia à bravura e à coragem” (Marrou, 1973, p. 55), o espaço que as relações amorosas entre homens ocupavam durante esse período era de prestígio. Eram pautadas para além do sexo, era uma relação que unia alma e corpo. Ressaltamos ainda que o processo de escolha de um novo pupilo não era simplesmente físico, o jovem selecionado deveria apresentar bons costumes, valores, que fosse uma pessoa a se admirar e inspirar em seu mentor a vontade e paixão pelo ensino e pelo sexo. No mais velho nascia uma emoção pedagógica, que a imbuía para dar os melhores ensinamentos, já no amado mais novo, este procurava meios de se tornar honrado dos ensinamentos, essa ligação entre eles era de uma relação amorosa, de um lado o processo de formação e do outro o amadurecimento.

Se no ambiente educacional a relação entre homens tinha tamanho prestígio, no campo militar não seria diferente, assim como citado anteriormente, no discurso de Fedro sobre um exército de amantes que seriam imbatíveis pelo sentimento que os une, o autor expõe:

Professava-se, no círculo de Sócrates, que o exército mais invencível seira aquele composto de pares de amantes, mutuamente incitados ao heroísmo e ao sacrifício: esse ideal foi efetivamente concretizado, no quarto século, na tropa de elite criada por Górgias, cujo batalhão sagrado foi formado por Pelópidas e a quem Tebas deveu sua efêmera grandeza. (Marrou, 1973, p. 54)

O Batalhão Sagrado de Tebas, que ficou assim conhecido, teve grande importância durante a batalha de Lêuctra, constituído por cerca de 150 casais homossexuais que lutaram bravamente até sua derrota. A cultura grega daquela época tinha grande apreço a instituição militar e, como podemos observar, possuiu um exército composto somente por amantes homens, ou seja, não importava quem eles amavam ou se relacionavam, eram relacionamentos normalizados. Entendemos que desde muitos anos atrás, as relações entre pessoas do mesmo sexo, especificamente os homens, eram tidas como normais pelas pessoas e pela sociedade, carregavam prestígio, na pederastia seus praticantes eram tidos como honrados. Visando o contexto brasileiro e sua importância na representatividade, citamos a obra de Adolfo Caminha, *O Bom Crioulo*, publicado em 1895, que é, de acordo com alguns críticos literários, um dos primeiros romances que envolve homossexualidade lançada no Ocidente. Mesmo com a silenciosa propagação de sua obra devido aos temas presentes: a homoafetividade, o relacionamento interracial, o casal de dois marinheiros e consequentemente expondo que tais relacionamentos ocorriam em grandes instituições, *O Bom Crioulo* deve ser lembrado.

Contudo, a sociedade foi se transformando com o tempo e, com as ideologias que nasceram nas suas mudanças, o caráter afetivo que existia no relacionamento entre pessoas do mesmo sexo passou a ser considerado uma contradição do correto na sociedade moderna. Nesse intervalo de tempo da Antiguidade ao Moderno, os relacionamentos entre as pessoas foram sistematizados conforme os valores da época. E dessa maneira algumas pessoas foram privadas de sua liberdade por preconceitos de uma maioria e suas ideologias, assim como a ideologia cristã, que é a religião predominante no Ocidente, muitos dos fiéis dessa crença creem que a homossexualidade é condenável, uma heresia contra suas ideias e seu deus. Como dito, a sexualidade foi dominada pela família e pela igreja, daí entendemos como essas

instituições conseguiram poder para ditar se essas práticas eram certas ou condenáveis, porém, só ter o poder sobre esse aspecto não nos oferece a chave para compreender o motivo de tais proibições.

Esses pensamentos contra esse grupo de pessoas hoje chamamos de homofobia, uma aversão a orientação sexual que difere desse “padrão” social. Se desde muitos anos atrás esse comportamento não era tão malvisto, em que momento teve um ressignificado? Responder a essa pergunta é um trabalho muito árduo, que se contemplado em sua integridade fugiria de nosso objetivo de estudo... o que podemos fazer nesta pesquisa é levantar alguns apontamentos para a reflexão e discussões nas nossas futuras análises.

Primeiramente, como dito, a sexualidade foi dominada pela família e a igreja, foi centrada nessas duas instituições e que moldaram o padrão monogâmico heteronormativo (homem e mulher), o prazer já não era a máxima do sexo, vigora a ideia da reprodução por um objetivo maior: a sociedade, essa era a lei natural das coisas. Logo, o que ia de encontro a essa moral era condenável, assim como afirma Foucault (2019, p. 8) “[...] e se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá esse status e deverá pagar as sanções.” Os amantes do mesmo sexo não reproduzem e assim não geram descendentes para continuar na doutrina religiosa, ou para gerar mão de obra, então são vistos como inferiores e desviantes pois não estão de acordo com o bem-estar social. Sobre a pastoral cristã, Foucault (1984), aponta como o casamento religioso confere à finalidade procriadora o papel da sobrevivência do povo de deus e ao mesmo tempo, para aqueles que não fizerem mal uso da sexualidade, um lugar imortal para a alma.

Outro ponto a ser discutido em relação a esse tema é o papel viril do homem em sociedade. Num imaginário coletivo, sempre coube ao sexo masculino o dever de ser o homem da família, o provedor, aquele que tinha domínio sobre todas as coisas - ressaltamos que existem diversas culturas e configurações familiares e sociais, mas essa se encaixa na maioria das ocidentais modernas - nesse mesmo viés sua conduta sexual tinha que estar alinhada com sua postura em sociedade, devia ser um sujeito sempre ativo em relação a tudo, papel oposto a mulher, submissa, passiva.

O domínio de si é uma maneira de ser homem em relação a si próprio, isto é, comandar o que deve ser comandado, obrigar à obediência o que não é capaz de se dirigir por si só, impor os princípios da razão ao que desses princípios é desprovido, impor é uma maneira de ser ativo em relação ao que, por natureza, é passivo e que deve permanecê-lo. Nessa moral de homens feita para os homens, a elaboração de como sujeito moral consiste em instaurar de si para consigo uma estrutura de virilidade: é sendo homem em relação a si que poderá controlar e dominar a atividade do homem que se exerce face aos outros na prática sexual. (FOUCAULT, 1984, p. 77)

Nessa afirmação conseguimos notar qual é o papel que a sociedade espera do homem e que ele mesmo tende a perseguir. Sempre retratado como o natural do homem, o estado viril é aquele em que ele tem o domínio de tudo, uma lei organizada de homem para homens, superiores ao aspecto feminino, logo, quando retratado pelo viés da homossexualidade, o homem tende a ser entendido como inferior, no olhar preconceituoso da sociedade ele que ocupa o lugar da mulher na relação, ele detém o status de passivo, não exerce mais sua força dominadora, “[...] é um homem que se poderia dizer feminino.” (Foucault, 1984, p. 78).

Citamos uma visão religiosa e social que envolvem a homofobia, outra questão agora levantada está relacionada à economia. Paz (1994), lança luz sobre essa questão quando afirma que a partir de 1968 tivemos uma cultura de liberdade erótica, contudo, 25 anos depois esses direitos sobre a liberdade foram corrompidos pelo dinheiro. “O capitalismo converteu Eros em um empregado de Mammon.” (Paz, 1994, p. 143), Mammon, das traduções entendido como dinheiro, dessa forma traçamos um paralelo de dominação da sexualidade por uma autoridade dominante. Igreja e Estado durante muito tempo andaram de mãos dadas, controlaram a mesma força, tiveram ideias parecidas, enquanto a religião se voltava para a perpetuação de seus fiéis, a economia visava a mão de obra, diante disso, as pessoas que não contribuía para a perpetuação dessa força foram colocadas à margem da sociedade, rotuladas como seres desviantes. Para Marcuse (1981), o homem teve sua vida determinada pelo valor de troca de seus produtos e seu trabalho, sua vida na cama e no lar foram impregnados com as ideologias divinas e morais; ademais, sobre o domínio desse princípio econômico, o ser humano se viu controlado sexualmente, a energia que ele poderia gastar está agora voltada para o trabalho, em seu

período de lazer que poderia gastar essa força sexual, fica voltada para o intercurso genital, essa repressão sexual originou em crescentes e duradouras relações grupais. Já para Freud:

A escolha de objeto do indivíduo sexualmente maduro é reduzida ao sexo oposto, a maioria das satisfações extragenitais é interdita como perversão. A exigência, expressa em tais proibições, de uma vida sexual uniforme para todos, ignora as desigualdades na constituição sexual inata e adquirida dos seres humanos, priva um número considerável deles do prazer sexual e se torna, assim, a fonte de grave injustiça. O resultado dessas medidas restritivas poderia ser que nas pessoas normais, que nisso não se acham impedidas por sua constituição, todo o interesse sexual flui, sem perda, para os canais deixados abertos. Mas o que permanece isento de proscrição, o amor genital heterossexual, é ainda prejudicado pelas limitações da legitimidade e da monogamia. A civilização atual dá a entender que só quer permitir relações sexuais baseadas na união indissolúvel entre um homem e uma mulher, que não lhe agrada a sexualidade como fonte de prazer autônoma e que está disposta a tolerá-la somente como fonte, até agora insubstituível, de multiplicação dos seres humanos. (FREUD, 2011, p. 50)

Com sua fala, só podemos reafirmar que os processos de controle da sexualidade pelas ferramentas de dominação ajudaram a propagar uma ideologia a ser seguida em sociedade, o que se destinava como certo o modelo heterossexual monogâmico, tudo o que foge desse padrão é visto como desviante, aberração. A sexualidade é tida somente como fonte de perpetuação da espécie, seu uso para o prazer é condenável.

Ao trazermos esse pequeno esboço sobre algumas possibilidades da natureza da homofobia, tentamos refletir como as pessoas e a cultura moldaram a percepção em relação aos amores dos homens, fazer pensar quais são as origens de pensamentos tão retrógrados, que atinge as pessoas de maneiras tão diversas. Em 2019, no Brasil, foi decidida a criminalização da homofobia na palavra da lei, e somente em 2020 o Superior Tribunal Federal (STF) declarou que as pessoas homossexuais poderiam doar sangue, ~~então~~, ainda assim, em pleno ano de 2021 nosso país é considerado, segundo estudos, um dos países com mais vítimas LGBTQIA+ - enquadra-se nesse grupo: lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, *queers*, intersexuais, assexuais etc. -, além de serem ainda vistos casos de discriminação com esse grupo quando tentam doar sangue. E ainda discutindo sobre as violências causadas pelo preconceito e a sociedade, devemos apontar o caso do indígena Tibira, em 1614, no Maranhão,

considerado o mártir da homofobia no Brasil. Sendo o primeiro caso que se tem documentado, o indígena foi executado amarrado a um canhão, sua sentença foi dada pelas influências da igreja cristã da época. Sua acusação se deu pelo fato de ter, assim como a grande maioria dos indígenas ali, uma conduta sexual que não condizia com a dos colonizadores franceses.

Mesmo depois de quatro séculos, ainda convivemos com notícias semelhantes à execução de Tibira, pessoas morrendo por conta de sua orientação sexual. Evidenciar esse assunto é de suma importância para uma conscientização desse processo de marginalização das pessoas, que durante os anos foram moldados conforme o que a maioria no poder pensava e queriam deles. Vale lembrar que palavras como *homossexuais*, *gays* são construções recentes na cultura, não datam mais de três séculos de existência, o que demonstrava que as pessoas não eram distinguidas das demais pelos seus atos sexuais, contudo, como sabemos que com o tempo a língua muda e a cultura também, essas palavras e mais algumas surgiram e segregaram as pessoas e colocaram em lugares à margem da sociedade. Por algum tempo, a palavra homossexualidade destinava-se a somente definir relação entre pessoas do mesmo sexo pela força carnal, como se não houvesse sentimento entre eles. Surge, então, o neologismo de *homoafetividade*, na primeira edição da obra *União homossexual: o preconceito & a justiça* (DIAS, 2000), afirmando que esses tipos de relacionamentos são normais. Além disso, o termo identifica o sentimento de afeto entre as pessoas e não somente a atração carnal, validando o amor.

4.1 ANÁLISE: A DUPLA FACE DO HOMO

Homoafetividade e homofobia, dois assuntos tão importantes e recorrentes que também se fazem presentes na obra.

E por que eu não mostrava a ele o quanto estava derretido? Porque tinha medo do que poderia acontecer? Ou seria medo de que ele risse de mim, contasse para todo mundo ou me ignorasse completamente sob o pretexto de que eu era muito jovem para saber o que estava fazendo? (Aciman, 2018, p. 26)

Ainda no início de suas descobertas, Elio tinha medo de se expor e quais seriam as consequências quando os outros, amigos, parentes e até mesmo Oliver descobrissem sua orientação. Uma auto repressão.

O que poderia haver de errado em gostar de uma pessoa de que todos gostavam? Todos estavam apaixonados por ele, incluindo meus primos de primeiro e segundo graus e meu sobrinho, que ficava conosco nos finais de semana e às vezes por mais tempo. (Aciman, 2018, p. 49)

Em suas indagações, nosso protagonista questiona o motivo de ser “errado” gostar de alguém, uma pessoa que todos gostam, como se amar alguém do mesmo sexo o desumanizasse.

— Na casa deles nunca teve hora para dormir, nenhuma regra, nenhuma supervisão, nada. Por isso ele é um menino tão comportado. Não é óbvio? Não tem motivos para se rebelar.
 — Isso é verdade? — Talvez — respondi, tentando minimizar a questão antes que eles fossem longe demais.
 — Todos nos rebelamos de alguma forma.
 — É mesmo? — perguntou ele.
 — Dê um exemplo — desafiou Chiara.
 — Você não entenderia.
 (Aciman, 2018, p. 61)

Nessa conversa que Elio tem com Oliver e Chiara, analisamos que ele tem uma imagem de uma pessoa comportada, de quem segue as regras impostas a ele, logo, sua “rebelião” encontra-se nessa força que vai contra tudo aquilo que é colocado para ele como normal, no caso, seu amor por Oliver. Contudo, ainda por medo, desconversa do assunto, dizendo que Chiara não entenderia o que ele passava. “Fingi espiar, mas era obediente demais para não fazer o que me mandavam.” (Aciman, 2018, p. 63), mais uma vez Elio se mostra como um rapaz que segue o que lhe diziam, sempre obedecendo aquilo que era o “correto”, o que a sociedade queria que fosse.

Conseguimos notar o julgamento que pairava sobre os dois amantes: “[...] naquele momento provavelmente estaria chegando a Nápoles e onde tínhamos dormido, minha cabeça descansando apoiada na dele sob o olhar dos outros passageiros.” (Aciman, 2018, p. 199), é evidente que durante aquela viagem os dois sofreram com os olhares que eram destinados para o casal, não era uma situação comum para os outros, causava desconforto.

E se, às vezes, não é a sociedade como voz externa que age sobre nossas ações, ela atua de forma interna, como um sistema enraizado: “Eu sempre sentiria aquela culpa solitária após os momentos inebriantes juntos? Por que não sentia a mesma coisa depois da Marzia? Era o jeito da natureza de me

lembrar que era melhor que eu ficasse com ela?” (Aciman, 2018, p. 177), a culpa que sentia após estar com Oliver fazia Elio se sentir mal, o que não acontecia quando se envolvia com uma mulher. E segundo o que dizem Paz (1994) e Freud (2011), toda a culpa que sentimos quando chegamos a nossa gratificação máxima se dá por sistemas de controle que ditaram que a nossa felicidade deve ser para com a sociedade e não um ato individual, privação do instinto de satisfação; ademais, um relacionamento entre homens contraria as leis que a sociedade impõe como natural.

Eu ficava surpreso por ainda não terem percebido. Sempre diziam que eu me apegava demais às pessoas. Naquele verão, no entanto, finalmente entendi o que eles queriam dizer com apegar demais. Obviamente já tinha acontecido antes, e eles provavelmente haviam percebido quando eu era novo demais para perceber por mim mesmo. Aquilo disparou alarmes em suas vidas. Eles se preocupavam comigo. E eu sabia que o sentimento não era infundado, só esperava que nunca soubessem o quanto as coisas tinham avançado para além de suas preocupações comuns. (Aciman, 2018, p. 74 - 75)

Sua aproximação com Oliver fez Elio notar alguns comportamentos de seus pais, primeiramente surpreso que não haviam notado como ele e o hóspede estavam cada vez mais próximo, porém, isso fez ele entender que seus pais já tinham leves suspeitas de suas atitudes, desde quando ele era mais novo. Antes, talvez Elio não soubesse do que se tratava esse cuidado que recebia de seus pais, agora esperava que com quem ele se envolvia estivesse além da preocupação deles.

Sabia que não suspeitavam de nada, e isso me preocupava — ainda que eu não quisesse que suspeitassem. Se eu não era mais transparente e agora conseguia disfarçar parte tão considerável da minha vida, então finalmente estava a salvo, deles e dele — mas a que preço? E eu queria mesmo estar a salvo de qualquer pessoa? (Aciman, 2018. p. 75)

Contudo, mesmo querendo que ninguém soubesse sobre ele, Elio se sentia a salvo de todos a um preço muito grande: o preço do anonimato. Não se sentia tão feliz em viver escondendo quem ele realmente era; esconder sua verdadeira personalidade era um jogo tão fácil que fazia sem dificuldades, conseguindo ocultar parte tão relevante de sua vida dos outros ao seu redor. O medo o afastava dele mesmo e das pessoas próximas. Era uma forma de sobrevivência.

Quando decide contar o que realmente sentia a Oliver e questionado o porquê fazia isso, Elio responde: “[...] porque não posso dizer isso a mais ninguém” (Aciman, 2018, p. 87), se sentia desamparado, sem ninguém em quem pudesse confiar, e só conseguiu conversar com aquele que era objeto de seu amor, que possivelmente entenderia o que estava passando.

O medo se fazia presente quando os dois estavam juntos, “[...] ele me abraçou. Inofensivo, caso alguém visse.” (Aciman, 2018, p. 181), cautelosos em demonstrarem seus afetos, não por estarem errados, mas pelo temor de serem atacados por alguém fisicamente, verbalmente.

Meus olhos estavam fechados, mas percebi que ele parou de me beijar para olhar em volta; pessoas poderiam estar passando. Eu não quis olhar. Ele que se preocupasse com isso. E, com os olhos ainda fechados, acho que ouvi duas vozes, vozes de homens mais velhos, resmungando algo como olhe só para esses dois, se perguntando se antigamente veriam uma coisa dessas. (Aciman, 2018, p. 238)

Por mais cautelosos que fossem, por apenas estarem felizes e quisessem demonstrar seus sentimentos um pelo outro, nesse excerto, quando se beijam, são reprimidos por dois homens mais velhos e é nítido a homofobia que sofrem. Mesmo que tentassem não incitar a raiva das pessoas elas se sentiam ofendidas. Os homens mais velhos simbolizam essa cultura ancestral, das normas que já foram impregnadas no meio social do que é aceitável.

Quando Elio e Oliver estavam em uma livraria para o lançamento de um livro, uma mulher lança uma frase ao jovem pesquisador americano:

Ela olhou para mim de novo, olhou para Oliver, analisou a situação:
 — Oliver, sei un dissoluto, você é um devasso.
 — Se l'amore — respondeu ele, mostrando um exemplar do livro, como se afirmasse que qualquer coisa que fosse capaz de fazer na vida já estava no livro do marido dela e, portanto, era permitida.
 (Aciman, 2018, p. 210)

A fala da mulher denota fortemente um preconceito, denominando que o que eles têm é uma devassidão, em contrapartida, Oliver responde que aquilo era amor, e, igualmente como no livro que fazia referência, reafirmava seu sentimento de amor como algo válido, existente e real. Depois de contornado essa situação, caminharam mais um pouco pela livraria e encontraram alguns amigos que haviam feito, “[...] cada olhar que cruzava o meu era como um elogio, ou como um pedido e uma promessa que pairavam no ar entre mim e o mundo

à minha volta.” (Aciman, 2018, p. 213), naquele lugar com aquelas pessoas agora eram aceitos, sentiam pelo olhar que eram tratados como iguais, Elio notava que era bem-vindo com seu amado. A livraria também representa esse ambiente que agrupa conhecimento, que livra da ignorância, aberto as possibilidades.

Em certa noite, um casal gay amigo da família foi jantar na casa da família de Elio, que durante toda noite pensava: “[...] eu tinha mais em comum com os Dupondt do que com meus pais ou qualquer outra pessoa do meu mundo” (Aciman, 2018, p. 147), ele então sentiu reconhecimento naquele casal, percebeu que o que sentia era mais semelhante com eles do que com o relacionamento de seus pais ou outras pessoas que tinha contato.

Depois que Elio se entende, compreende o que sentia e como se sentia em relação a Oliver, em determinado momento enquanto se beijavam, nota uma mudança:

Algo inesperado pareceu acabar com a distância entre nós, e parecia não haver mais nenhuma diferença de idade, éramos apenas dois homens se beijando, e até isso pareceu se dissolver, me deixando com a sensação de que nem éramos dois homens, apenas dois seres. Amei o igualitarismo do momento. (Aciman, 2018, p. 155)

Quando aceitava quem era realmente, de não ir contra seus desejos, Elio conseguiu perceber que entre eles não havia diferenças, eram somente duas pessoas que estavam se amando, não eram diferentes das demais, normais em todos os aspectos; Elio até aprecia o momento, nota que não difere dos outros, é uma pessoa como qualquer outra.

Por meio deste evidenciamos alguns aspectos importantes que existem em sociedade: a homoafetividade e a homofobia. Preferimos escolher o termo homoafetividade para representar essas relações por exaltar o afeto que há entre os envolvidos, o amor; o que não invalida outros termos. Assim, mostramos que, pelo recorte histórico que escolhemos, a homoafetividade se fez presente na Grécia antiga, era usado como um sistema de ensino, era validado por toda sociedade como uma conduta correta, tinha seu prestígio. Contudo, com o passar dos anos a sociedade teve novas pessoas no poder, houve novas ideologias que permearam o senso coletivo. Religião, economia e o papel masculino prescrito foram algumas das questões que mudaram o modo de ver as relações homoafetivas, moldando as atitudes das pessoas e revelaram a

homofobia, essa atitude, uma conduta humana que ofende, ataca, agride e pode até matar as outras pessoas pelo simples fato de serem quem são. Em nossas análises evidenciamos esses dois aspectos, como Elio e Oliver se juntam pelo amor, vivenciam essa relação, esse sentimento que os torna seres tão felizes, em contrapartida, também presenciam o preconceito, o ódio por estarem apenas amando. De um lado a raiva do amor que pode levar a morte, do outro o amor que incita nos amantes a fuga da morte; dois lados opostos e que existe em sociedade, mas que lutamos, ou deveríamos lutar, diariamente para combater essa intolerância.

5. A UTOPIA DO AMOR EM ME CHAME PELO SEU NOME

Ao longo destes dois capítulos: i) O Amor e ii) Sociedade e Sexualidade, finalmente chegamos ao presente, terceiro e último capítulo: iii) A Utopia do Amor em *Me Chame Pelo Seu Nome*. Entendemos que para chegar a esta discussão era necessário apresentar o que entendemos como amor romântico, suas características e por sua vez como se apresenta na obra; em segundo momento, explicitamos as relações entre a sociedade e seu modo de perceber a sexualidade no que tange os relacionamentos homoafetivos e a homofobia. Assim, conseguimos agora analisar a utopia que mencionamos.

Primeiramente, para se chegar a esse conceito recorreremos ao dicionário, entendendo “utopia” como “local ou situação ideal onde tudo é perfeito, harmônico e feliz; refere-se especialmente a um tipo de sociedade com uma situação econômica e social ideal.” (UTOPIA, 2021). Em uma sociedade utópica as pessoas viveriam em harmonia plena, as condições seriam igualitárias para todo mundo. Então, pensando pelo viés do amor, qual lugar ocuparia esse sentimento em uma utopia? Ou mesmo, como seria o amor perfeito?

Tecendo argumentos sobre essa questão, o filósofo alemão postula:

Sob condições ótimas, a prevalência, na civilização madura, da riqueza material e intelectual seria tal que permitisse a gratificação indolor de necessidades, enquanto a dominação deixaria de obstruir sistematicamente tal gratificação. Nesse caso, a porção de energia instintiva a ser ainda desviada para o trabalho necessário (por seu turno, completamente mecanizado e racionalizado) seria tão pequena que em uma vasta área de coerções e modificações repressivas, sem contarem mais com o apoio de forças externas, entraria em colapso. Consequentemente, a relação antagônica

entre o princípio de prazer e o princípio de realidade alterar-se-ia em favor do primeiro. Eros, os instintos de vida, seriam libertados num grau sem precedentes. (Marcuse, 1981, p. 142)

Marcuse assim nos apresenta a uma condição de civilização altamente rica em recursos materiais e intelectuais, por meio desses aspectos os seres humanos ficariam livres das repressões sociais e alcançariam suas gratificações de forma fácil. A camada voltada para o trabalho entraria em colapso pelo desuso da sua força de trabalho. O princípio do prazer (o amor) tomaria lugar do princípio de realidade (o trabalho) e assim reinaria. Essa é uma vertente possível de uma utopia voltada para o amor.

Em contrapartida a seu mesmo argumento, o autor entende que a nossa sociedade não conseguiria agir dessa forma regida pelo amor:

Contudo, a própria teoria dos instintos, de Freud, o impeliu para adiante e para desvendar a fatalidade e futilidade completas dessa dinâmica. A defesa revigorada contra a agressão é necessária; mas, para que seja eficaz, a defesa contra a agressão ampliada teria de fortalecer os instintos sexuais, pois somente Eros forte pode efetivamente “sujeitar” os instintos destrutivos. E isso é, precisamente, o que a *civilização desenvolvida é incapaz de fazer*, visto que depende, para a sua própria existência, da arregimentação e controle intensificados e ampliados. A sequência de inibições e deflexões das finalidades instintivas não pode ser quebrada. “A nossa civilização em termos genéticos, está fundada na supressão dos instintos”. A civilização é, acima de tudo, progresso no trabalho – quer dizer, trabalho para o agenciamento e aplicação das necessidades de vida. (Marcuse, 1981, p. 85)

Para ele, a sociedade que conhecemos hoje não está estruturada para que o princípio de prazer seja a força dominante, nossa vida coletiva foi constituída a partir do trabalho, das repressões sociais ao longo dos tempos, mudanças ocorreram até culminarem na era moderna, a vida como entendemos está pautada sobre essa macroestrutura das culturas passadas, Eros não tem um lugar para reinar ou destruiria a sociedade tal como ela é. E reafirmando essa ideia, Paz (1994, p. 103) “[...] uma república de apaixonado seria ingovernável.” Essa utopia para nossa sociedade é invalidada.

Sendo assim, o que seria uma utopia possível para o amor e por que em *Me Chame Pelo Seu Nome* ela se faz presente?

Sabemos que uma utopia é um lugar perfeito, harmonioso, também estamos cientes que nossa sociedade não consegue se moldar conforme o

amor, pois estamos rígidos em um modelo já prescrito. Sob essa ótica, o pai da psicanálise estabelece que:

Começando a nos ocupar dessa possibilidade, deparamos com uma afirmação tão espantosa que é preciso nos determos nela. Ela diz que boa parte da culpa por nossa miséria vem do que é chamado de nossa civilização; seríamos bem mais felizes se a abandonássemos e retrocedêssemos a condições primitivas. A asserção me parece espantosa porque é fato estabelecido – como quer que se defina o conceito de civilização – que tudo aquilo com que nos protegemos da ameaça das fontes do sofrer é parte da civilização. (Freud, 2011, p. 31)

E dessa forma, Freud explica que a nossa civilização é a causadora das suas próprias misérias, de suas culpas, tentamos nos defender daquilo que nós mesmos criamos, uma saída viável para essa situação é retroceder para outras condições, para um passado distante, ou mesmo abandonando nosso jeito atual de vida. E sobre essa afirmação, reitera Marcuse (1981, p. 137) que se ocorresse tal movimento histórico, para um período inatingível pela sociedade, inconquistado, pela consciência do princípio do prazer, seria para Freud, uma bela utopia. À vista disso, de um lado temos o amor que se encontra como uma capacidade humana controlada pelas forças de repressão e controle que ditam seu uso e desvirtuaram sua origem, do outro notamos que para Marcuse e Freud uma utopia aceitável é a retomada para um ponto da história sem culpas e/ou misérias que nós mesmos criamos. Enfim temos a nossa utopia: um lugar comum em que o amor consiga agir livremente, sem ser considerado como fonte de dor, que seja uma fonte de prazer, um fim em si mesmo. O amor não pode ser mais um bem de valor, como um produto de troca que alguém detenha controle sobre ele, o amor deve ser vivenciado em sua totalidade. Tal totalidade se apresenta nos tópicos que discorreremos, o amor romântico é em primeira manifestação o desejo pelo seu amado, a sexualidade; esse desejo se converte no erotismo, deixa de ser só impulso e por meio dele os seres humanos se unem para além do sexo e conseguem atingir as outras características desse sentimento; os amantes experimentam a felicidade plena, conseguem viver ao máximo e ao mesmo tempo encaram face a face a morte, o ciclo completo do amor é seu início e fim, assim como fizeram Elio e Oliver, uniram-se e se separaram; passam pelas transformações que o amor implica, seja para o bem

ou para o mal; e por fim, encaram a dupla face: escolha e destino, servidão e liberdade, nesse movimento que alterna constantemente.

Por meio dessa explicação notamos a utopia na obra, Elio e Oliver vivenciaram cada nuance do amor romântico, foi um amor perfeito. Mas mesmo com os imprevistos, os momentos que discutiram ou brigavam, esse amor pode ser considerado perfeito? “É fácil mostrar que o valor que a mente atribui às necessidades eróticas se afunda instantaneamente logo que a satisfação se torna facilmente obtível. Algum obstáculo é necessário para impelir a maré da libido ao seu máximo.” (Marcuse, 1981. p. 196), esses pequenos empecilhos são necessários para tornar a conquista do amor uma verdadeira vitória, essa restrição não pode ser vinculada a tabus, deve ser livre, assim o homem evita um prazer alienado.

Outro ponto que decidimos citar é o apoio e a aceitação da família de Elio em relação a sua sexualidade e seu relacionamento, uma questão que muitas pessoas podem querer vivenciar, ainda mais o grupo LGBTQIA+ que sofre muita exclusão por parte da sociedade. Dessa forma, nos excertos a seguir iremos trazer o diálogo de Elio e seu pai que aconteceu depois que Oliver volta aos Estados Unidos, e como essa conversa foi acolhedora.

Quando iniciam a conversa, o pai de Elio diz: “— Você é inteligente demais para não saber como era raro e especial o que havia entre vocês.” (Aciman, 2018, p. 257), afirmando como o que havia entre seu filho e o hóspede daquele verão era um acontecimento que fugia da banalidade, era algo muito especial e que deveria ser vivido. “O que havia entre vocês tinha tudo e nada a ver com inteligência. Ele era bom, e vocês dois tiveram sorte de se encontrar, porque você também é bom.” (Aciman, 2018, p. 257), um encontro que se pode chamar de sorte, como o destino, e que surgiu entre eles pela inteligência, pela identidade, além disso pelo corpo; alma e corpo se unem.

Elio estava impactado pelas palavras de apoio, enquanto isso seu pai ainda falava:

— Não tenha medo. Virá. Pelo menos eu espero que venha. E quando você menos espera. A natureza sabe como encontrar nossos pontos mais fracos. Apenas se lembre: estou aqui. Agora talvez você não queira sentir nada. Talvez você nunca tenha desejado sentir nada. E talvez não seja comigo que você vai querer falar sobre essas coisas. Mas você sentiu algo, sim. (Aciman, 2018, p. 258)

Elio ainda sentia saudades e dores por seu amado que tinha voltado ao país de origem e o jovem agora estava sozinho, mas não desamparado, seu pai estaria presente para ajudá-lo naquele turbilhão de descobertas. O pai dele sabia que o sentia estava além do controle de Elio e não deveria ser refutado, era genuíno. E a natureza agora age como uma força que atinge nosso ponto fraco: no luto, na perda, na saudade, que não controlamos; é natural para o amor esse ciclo.

— Olha só. Vocês tinham uma bela amizade. Talvez mais do que amizade. E invejo vocês. No meu lugar, muitos pais esperariam que a coisa simplesmente sumisse, ou rezariam para que seus filhos se reerguessem logo. Mas eu não sou um desses pais. No seu lugar, se houver dor, cuide dela, e se houver uma chama, não a apague, não seja bruto com ela. (...) A abstinência pode ser uma coisa terrível quando não nos deixa dormir à noite, e ver que as pessoas nos esqueceram antes do que gostaríamos de ser esquecidos não é uma sensação melhor. Mas não sentir nada para não sentir alguma coisa... que desperdício!
(Aciman, 2018, p. 258)

Pelos olhos de seu pai, Elio e Oliver tinham uma relação de amizade e para além disso, essa identificação que compartilhavam os uniam como amantes e amigos. Também se coloca no lugar do filho invejando o momento que ele viveu e como viveu de forma plena, entende não ser apenas uma fase o que Elio está passando. Diz para ele que é importante viver cada momento e não vale a pena se privar desse sentimento pela dor.

— Então permita que eu diga mais uma coisa. Vai esclarecer tudo. Talvez tenha chegado perto, mas nunca tive o que vocês tiveram. Alguma coisa sempre me impediu ou ficou no caminho. Como você vive sua vida é problema seu. Mas lembre-se, nossos corações e nossos corpos nos são dados apenas uma vez. A maioria de nós teima em viver como se tivesse duas vidas, uma é a maquete, a outra a versão final, e todas as versões entre elas. Mas a vida é só uma, e antes que você se dê conta, seu coração se cansa e, quanto ao seu corpo, chega um momento em que ninguém mais olha para ele, muito menos quer chegar perto dele. Agora há tristeza. Não invejo sua dor. Mas invejo sua dor. (Aciman, 2018, p. 259)

Cada um deve, ou deveria, amar do seu modo, que as pessoas não interfiram nesse aspecto tão pessoal em nossas vidas. Assim, o pai de Elio afirma que a gente só vive uma vez e não compensa criar maquetes para se adequar a todos os padrões e normas que não os aceitem, como se tivéssemos que criar uma personagem. Também notamos em sua fala que o pai de Elio vivenciou algo semelhante, mas por algum motivo não conseguiu ir adiante, o que bem provável tenha sido por imposições mais severas em épocas anteriores.

E finaliza dizendo que o tempo é implacável, que em algum momento da vida ele muda nosso corpo e coração e por isso temos que aproveitar o agora, que há coisas pelas quais valem a pena viver.

E assim finalizamos nosso último capítulo, evidenciamos o amor romântico em suas nuances, lançando luz sobre suas características, através da obra (re)afirmando o amor existente entre Oliver e Elio, um casal homoafetivo e como esse sentimento constituiu uma utopia pelos aspectos reunidos do livro. Podemos analisar também como a sociedade em que vivemos dita as regras a serem seguidas até mesmo em um sentimento que deveria ser de caráter individual. Algumas dessas imposições com o tempo ganharam força e cara: viraram ódio, homofobia. No livro a utopia se apresentou dessa maneira, ao passo que quando levantamos tal questão em nossa própria sociedade, estamos falando de um lugar que o amor seja apenas livre, que seja vivenciado em sua plenitude sem interferências e sem medo; que as pessoas não sejam colocadas à margem da sociedade pelo simples fato de existirem, de serem quem são, de amarem quem querem e de quem gostam. O medo não pode imperar sobre o amor.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Com essas explicações e argumentos acerca do livro e como interpretamos o amor em sua utopia, chegamos ao nosso objetivo: analisar o amor em *Me Chame Pelo Seu Nome*, como ele é utópico, além disso fazer refletir sobre qual o espaço que o amor romântico ocupa em nossa sociedade. Vislumbramos como o amor é um elemento humano que permeia vários aspectos sociais, também observamos que o inverso ocorre, como a humanidade tem grande interferência durante o tempo sobre esse sentimento.

A partir dessas discussões, o que podemos fazer é tecer pequenas reflexões sobre esse tema:

O amor é um sentimento de importância suprema, como dissemos, “amor é coisa séria”, como ficamos alheios de se conhecer melhor algo tão crucial em nossas vidas? Pode-se falar em “emancipação a partir do amor?”: tão importante em se saber acerca das estruturas socioeconômicas quase sempre invisíveis que nos oprime, nos explora, nos faz sofrer, é fundamental pensarmos, discutirmos e, é claro, vivenciamos tudo quer o amor pode nos oferecer e, talvez, muito mais. (Luiz, 2021, p. 12)

Um olhar mais detalhado para essa força humana denominada amor é um olhar para dentro de nós, tivemos como dado pronto o que era e assim ficamos alheios a essa relação que construímos com esse sentimento. E para além disso, tudo de positivo que o amor pode nos oferecer se for vivenciado sem interdições.

Nem só da forma como apontamos o amor é relacionado com vida e morte, para alguns estudos¹ clínicos pessoas que estavam amando tinham benéficos médicos comprovados: ajudando no combate a dores, na prevenção de doenças, na melhora da condição cardíaca, combate a insônia, o amor não só nos ajuda a viver, mas ajuda a viver melhor; em contrapartida, e como dito, não amar tem seus malefícios, outras pesquisas² médicas apontam para uma doença psicológica nomeada de Síndrome do Coração Partido, uma doença em que a pessoa acometida por ela sente dores no coração devido a uma desregulação hormonal causada por algum estresse forte, dessas causas o término de um relacionamento amoroso pode ser uma delas, pode sentir também dor no peito, falta de apetite, pensamentos intrusivos, tonturas, vômitos. E sabendo desses dois pontos que o amor pode acarretar, notamos como ele não é um simples sentimento, afeta de modo geral quem o sente, seja na parte orgânica, mental e social.

Amar é uma forma que escolhemos para viver e seguir a vida, tem influência sobre nós de maneira que nem poderíamos saber. Amar profundamente é um ato de resistência contra as próprias imposições da sociedade, assim como quem luta pela própria vida pelo simples fato de não pertencer aos padrões, seres desviantes, assim como resistem as pessoas da comunidade LGBTQIA+.

Amar é um ato de resistência, é um gesto político. E nesse viés, política e amor andam em pontos totalmente opostos: a política lida com as relações públicas enquanto o amor age nas relações privadas, contudo, os dois têm o mesmo ponto de articulação: o ser humano. Precisamos ponderar em que lugar o homem se encaixa nessa equação e que mudanças temos que fazer em relação ao olhar que possuímos atualmente para o amor, para onde

¹ Disponível em: <<http://www.laboratorioborema.com.br/post/5-beneficios-que-o-amor-traz-a-saude>>. Acesso em: 10 de out. de 2021.

² Disponível em: <<https://iop.com.br/noticias/voce-sabe-o-que-e-a-sindrome-do-coracao-partido/>>. Acesso em: 10 de out. de 2021.

caminharemos seguindo os passos que damos hoje. Para reinventar um precisamos reinventar o outro. O dinheiro já corrompeu as virtudes do amor uma vez, o tornou um produto. O ser humano não pode ser só uma engrenagem para a vida moderna, deve poder ter desejos e realizá-los.

Amar, talvez, seja essa força que precisamos para poder repensar nosso lugar na sociedade, que nos ajuda por meio de uma gratificação, do prazer, da felicidade a chegar a uma vida plena. Amar sem impedimentos é a única forma de entender o amor.

REFERÊNCIAS

- ACIMAN, André. *Me chame pelo seu nome*. Trad. Alessandra Esteche. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fonte, 1997.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Sheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- CANDIDO Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte, Italiana, 2000. Volume 1.
- _____, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CHAVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olimpo, 2001.
- DIAS, Maria Berenice. *Homoafetividade e os direitos LGBTQI*. 7. ed. São Paulo: Ed. RT, 2016.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *A ideologia alemã*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- _____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- _____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. 1. ed. São Paulo Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- LEÃO, Emanuel Carneiro; WRUBLEWSKI, Sérgio. *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.
- LUIZ, Lindomar Teixeira. *Considerações sobre o amor no contentamento humano*. Revista Humanidade e Inovação, v.8, n.46. 2021.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

MARROU, Henri Irénée. *História da educação na Antiguidade*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1973.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

SENTIMENTO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto, 7Graus, 2021. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/sentimento/>>.

Acesso em: 15/08/2021.

UTOPIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto, 7Graus, 2021. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/utopia/>>. Acesso em: 03/10/2021.